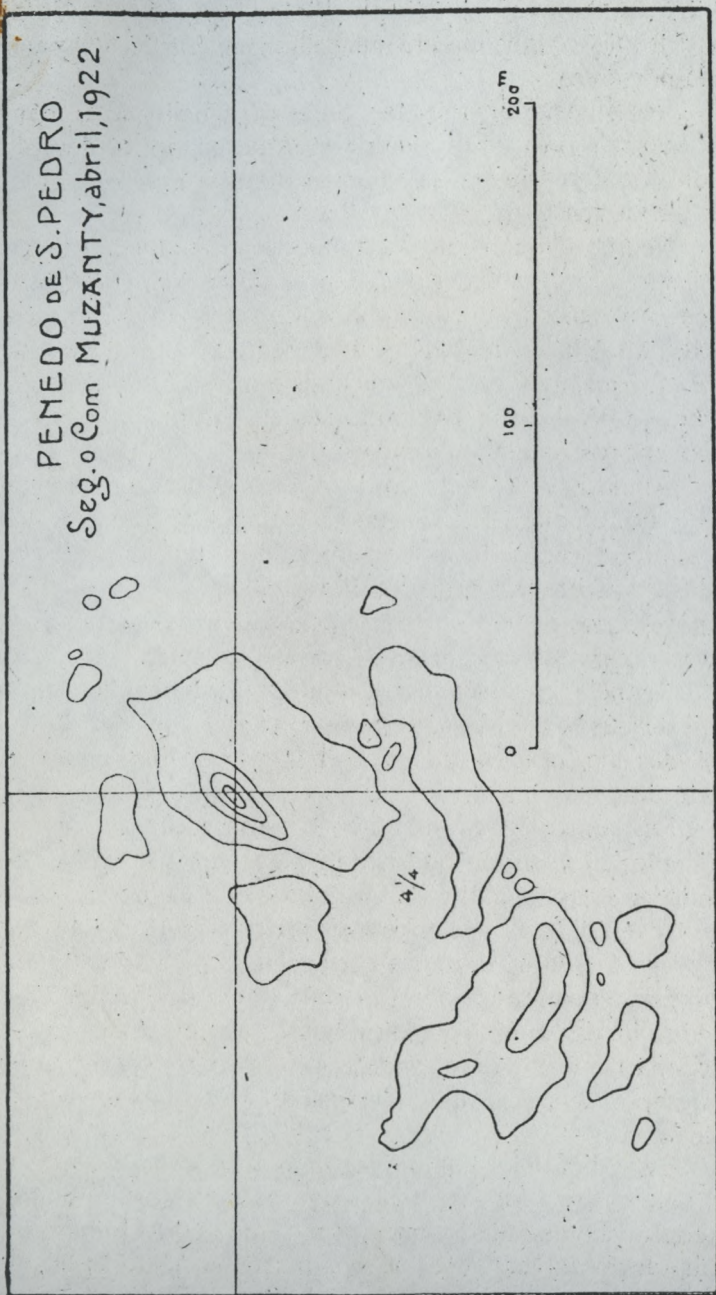


PENEDO DE S. PEDRO  
Seg. o Com MUZANTY, abril, 1922



# Usos e costumes de Quiteve

## Territorio de Manica e Sofala

(Continuação da pag. 162 do Boletim de Maio—Junho)

Muitos ha, mesmo, os velhos na generalidade, que se contentam com uma pele de *simba* (gato bravo), ou gazella, com que tapam as partes pudendas.

Claro é que a questão do vestuario depende da riqueza do homem, mas, por muito rico que seja, nunca deita o luxo de usar mais do que um pano e um cobertor ou manta.

O pano, desde o momento em que é posto a primeira vez, nunca mais é lavado. Se se põe hoje um pano branco, d'aqui a tres dias estará negro e assim continuará até que se rasgue, que apodreça, sem ter sabido o que é lavagem.

O preto, mesmo, depois dos 40 anos, é raro tomar banho; de manhã, quando muito, deita um pingo d'agua nas mãos e chapinha a cara, uunca esfregando.

Geralmente o *guho* (pano), ou *folha*, é colocado á moda de Sena, passando por entre-pernas e atando no ventre com qualquer cordel, conforme expliquei quando me referi aos muleqnes.

O tronco anda quasi sempre nu e os abastados usam cobril-o com toda a casta de redingotes velhos e sebentos que os monhés vendem; fardas velhas inglezas, antigas, cheias de botões amarelos a fazerem brilhantes contraste sobre a fazenda encarnada, dolmans azues de officiaes, repletos de galões oxidados, ou de fita branca, velhos casacos, casacões, fraques, sobre-casacas, capotes de mil feitios e formas, colletes, emfim todo o perfeito armazem de traparia velha que o monhé vende por bom preço e que o preto compra para usar até que se desfaça aos bocados, pêlo coçado, com grossas postas de cebo, com um terrivel cheiro a suor e porcaria.

Pode estar um dia de calor abrasador, asphixiante, que o preto não despe o seu capote pesado, á militar, ou o seu fraque.

Com o uso, com a porcaria, com o desleixo do preto, essas peças do vestuario chegam ás vezes a estar só em metade, só com uma manga, sem abas trazeiras, sem grandes bocados de fazenda, por onde se vê o ferro de duvidosa cõr, mas o preto não as concertará, não as limpará nem lavarâ,

Vestiu-o a primeira vez e só quando êle deixar de ser casaco, quando de todo em todo já não tenha forma de se arranjarem buracos por onde enfie os braços, é que o largará ou deitará fora.

Nas povoações, raros são os pretos que usam camisas ou camisolas; os redingotes assentam sobre a pele, directamente.

Hei de recordar-me sempre da figura exotica que eu vi um dia, n'uma povoação lá muito do interior, de um edoso preto, já de cabelos brancos, vestido com uma camisa de seda, de senhora!

O *guho* vae-se desfazendo aos poucos e poucos, devido á porcaria, aos rasgões, mas continúa a usar-se todos os dias, até que já não tenha tecido sufficiente para tapar as partes pudendas.

Ha muitos que usam, por vestuario, um simples sacco de serapilheira, com duas aberturas por onde enfiam os braços.

Este vestuario dá uma ideia d'aquelas mortalhas para vivos que a antiga *Santa* Inquisição dava de presente a todo e qualquer, com o nome de sambenitos.

O preto nas povoações, até aos cinco anos, anda completamente nu. As raparigas usam, até á puberdade, um simples pano, sobre a pelle, atado pela cintura e cahindo em redondo até aos joelhos, deixando as pernas e os seios a descoberto.

Claro é que em immundicie rivalizam com o homem; têm horror á agna!

\*

\*      \*

Tanto eles como elas usam muitos e diferentes enfeites, alguns dos quaes são *feiticos* contra doenças, contra a morte, etc.

Passo a escrever sobre os que são simples enfeites de luxo e elegancia, e no capitulo de feitiçaria tratarei dos outros.

O principal é a tatuagem, que é muito usada em ambos os sexos e que se resume a pequenas pontuações dispostas quasi sempre em linhas rectas.

O sitio onde fazem este enfeite varia muito, mas onde se vê mais frequentemente é na cara, no peito e no ventre.

Empregam, para o efeito da tatuagem, o sumo do caju verde, empastado com uma pouca de terra argilosa.

Geralmente a tatuagem tem logar na epoca da puberdade, mas não é raro verem-se creanças já com as marcas indeleveis na pele, duma côr carregada, bem distincta do resto da côr do corpo.

As mulheres têm, ainda mais do que os homens, gôsto por este enfeite. Os homens apreciam vêr na mulher a tatuagem.

Logo em creança são furados os lobulos das orelhas, nos dois sexos, e introduzidos, nos orificios, pequenas e delgadas palhas. Ha alguns que deixam fechar os orificios e ha outros que es vão alargando todos os dias, até que neles possam introduzir e segurar um cartucho usado de espingarda Martini Henry, onde guardam o rapé com que vão presenteando o nariz.

Este costume foi implantado na tribu Uateve pelos *landins*, quando da conquista de toda a região do Quiteve.

Já ha pretos, muleques principalmente, que usam aneis á europea de qualquer metal, quasi sempre lisos, em forma de aliança, ou com falsas pedras de variegadas côres.

As *sinhás* usam pulseiras de prata, lisas ou facetadas, sem moça, uma especie de argolas, que os *monhês* vendem e que elas trazem nos pulsos em grupos tanto mais numerosos quanto mais possam comprar. Contei um dia 64 pulseiras nos braços duma das mais belas, e por isso mais abastada, filha de Sofala.

Um outro enfeite do indigena, e do qual êle gosta em extremo, é o uso das argolas de fio de cobre, nas pernas. Chamam-lhe *mafumba*. Tambem as usam nos braços, em grande quantidade.

Em volta duma fina *cambala* (corda feita de fibra de entre-casca d'arvore), enlelam um fio delgado de cobre, á moda das bobines electricas, e com esse composto fazem as *mafumbas* que usam nos braços, desde o pulso ao cotovelo, e nas pernas, por baixo do joelho.

Usam muitas e muito justas, a contornarem apertadamente os braços e as pernas.

Os regulos e as pessoas importantes empregam grossas argolas de ferro nas pernas, largas, cahindo sobre o pé. Tambem usam as de fio de cobre e ha até quem usa as de ferro por sobre as de fio.

As mulheres seguem a mesma moda.

Ao andarem, como as argolas de ferro são muito largas, chocalham umas nas outras e produzem um som monotono, muito especial.

Um outro enfeite muito querido dos pretos é o colar.

Em norma é feito com alguns pelos da cauda do *joho* (elefante) ou crina de *piva* (antilope de grande porte), atados em volta do pescoço, apertadamente, onde enfiam alguns amuletos.

Por sôbre todos eles, porem, como mais usado e de mais gosto, principalmente pelas mulheres, sobresa e o enfeite com missanga, pequenas contas de massa vitrificada, de diversas cores, que a Alemanha vende aos *monhês* e estes impingem aos pretos.

Com missanga faz-se tudo: argolas, pulseiras, brincos, aneis, tudo.

Em caso de luto é uso raparem a carapinha e cobrir o couro cabeludo com um bocado de tecido d'algodão, de qualquer côr.

\* \* \*

Uma das coisas que mais nos surpreende, a nós europeus, vêr nos indígenas, é a alvura dos dentes.

Claro é que os dentes dos pretos não são nem mais brancos nem mais regulares dos que os nossos, mas o contraste que fazem sobre a pele negra é que os faz realçar e parecerem mais alvos do que os nossos.

O indígena não usa de pós nem de águas dentrificas, nem de escovas, nem de pastas, nem de nenhuma dessas armas que o europeu inventou para atacar a carie que lhe corrompe a dentadura. A limpeza geral é feita com agua pura, fria, após todas as refeições, bocejando ou passando o dedo indicador repetidas vezes pelas faces externas dos dentes.

Certo é que a qualidade das comidas influe imenso para a conservação dos dentes, mas também não é menos certo que o aceio e cuidado que tem em os lavarem após todas refeições, é o principal factor que contribue para que o preto tenha sempre boa saude na dentadura e gengivas.

Não me lembro de ter visto um unico preto com os dentes cariadados, ou com dores de dentes. Nos mestiços já se nota o aparecimento da carie e creio ser devido a eles terem menos cuidado que os pretos e também á alimentação, que já não é só a frugal farinha.

\* \* \*

A noticia dum facto, por muito insignificante que seja, circula entre os indígenas por uma forma extraordinária.

O preto é, de si, natural observador; nas grandes horas de ociosidade que passa nas povoações, um dos seus melhores prazeres é o falar, o conversar, o contar novidades e factos que observou.

Logo que alguém chega á povoação, e depois de ter feitos os devidos cumprimentos, é interrogado sobre o que viu, sobre as novidades havidas no sitio donde vem.

Qualquer pequeno facto é caso para eles estarem tempos sem fim a comentarem e a pensarem nas suas provaveis consequencias.

Uma nova marchará de boca em boca com uma velocidade relativa ao interesse que desperta.

Já me tem acontecido estar a grandes distancias do sitio onde se deu um facto importante e eu ter conhecimento dele, pelas conversas que surpreendo aos pretos, com grande antecedencia ha chegada do portador especial da carta que me dá a noticia.

Aqui ha cinco anos tive conhecimento, por uma conversa que ouvi a dois pretos, da morte do interprete da Circunscricao onde eu, ao tempo, prestava servico, no mesmo dia em que essa morte se deu. Eu nunca tinha conseguido demorar menos de 2 dias para fazer a viagem do sitio onde me encontrava ao local onde morreu o interprete.

É de notar que entre os pretos, ao contrario do que acontece entre os brancos, uma noticia corre, circula espalha-se, entre eles sem ser degenerada e sem que alguém se lembre de a acrescentar.

Conforme a ouvem, assim a contam.

Como eu conhecia perfeitamente todos os atalhos e caminhos da região do Uateve, tentei muitas vezes chegar inesperadamente a uma povoação indigena sem que lá tivessem conhecimento prévio da minha proxima ida. Muito raramente y consegui.

Quando saía de casa, e assim me parecia poder conseguir o meu proposito, dizia aos machileiros que fossem pela estrada tal, a que ia dar a uma certa povoação; a meio do caminho voltava para traz e metia por outra. De todas as vezes que fiz isto foi trabalho perdido, não me servia de nada, porque sempre que chegava á povoação notava que tinham sido avisados da minha breve chegada; a povoação varrida, o *tonje* (algodão) e a *m'pira* (borracha), que a Companhia de Moçambique gratuitamente lhes distribuira para eles semearem, estavam bem regados e a palha cortada em volta, e que eu conhecia que havia sido cortada ha poucos minutos.

As *bacicana* (raparigas novas), essas, nem se viam.

Foi só ao cabo de muito trabalho, e de alguns pequenos castigos, que consegui chegar ao apuro de que, á minha chegada a uma povoação, não fugisse ninguem e me viessem todos cumprimentar com o seu rapapé e o seu *dáuôna*, *M'tenje hângo* (bons dias, meu senhor) (a tradução é: ja te vi, meu senhor).

E, durante quasi três anos, fui o unico europeu a quem tal sucedia.

\*

\*            \*

O preto é um fumador extraordinariamente vicioso.

Quasi só no homem, o vicio chega a tal ponto que levará o desgraçado a fazer tudo para o satisfazer.

Rara é a povoação que ao centro, defendida das cabras por caniçadas, não tem uma pequena *mashamba* (plantação) de *forguia* (tabaco) que é tratada com excepçoes cuidados.

Quando a plantação foi grande e o ano correu propicio, cortam as folhas em Setembro e põem-as a secar ao sol e, depois de guardarem o que

calculam lhes bastará para o ano, fazem um rolo de 30, ou pouco mais, folhas e vão com êle ao monhé para o permutarem por panos, sal, etc.; o monhé costuma comprar esses rolos por fazendas no valor de 200 réis e passados 3 ou quatro mezes torna a vendel-os ao preto, às vezes, ao proprio que o veio vender, por 300 reis; ou mais.

As folhas são secas ao sol, colocando-as sobre um pouco de capim, todas as manhãs.

Frequentissimo é o uso do rapé, principalmente entre o indígena de mais de 30 anos.

Tendo bem seca uma folha de tabaco, esmigalham-a entre as palmas dá mão e deitam-a num pedaço de vasilha de barro; colocam esse caco ao lume brando e, de quando em quando, vão esmigalhando e reduzindo a pó, com um gôgo, uma pequena pedra lisa, a folha.

Pronta a operação, tornada a folha do tabaco em pó quasi impalpavel, é metido nos diversos canudos que têm para êsse fim.

Muitos usam, como já disse, velhos cartuchos de espingarda Martini Henry e que introduzem no orificio que lhes fizeram, quando creanças, nas orelhas; outros possuem pequenas bocetas de madeira, mais ou menos artisticamente lavradas, onde metem o rapé. Estes reservatorios, quasi sempre compridos e delgados, são enfiados num cordel que dá volta á cintura, ou ao pescoço, e muitas vezes, tambem, a tiracólo.

O muleque fuma todas as *beatas* que os patrões deitam fora e as que consegue apanhar pela rua ou lojas onde entrou.

É um luxozinho para eles o poderem trazer uma ponta de cigarro atraz da orelha, como os nossos fadistas.

Quando qualquer preto, num grupo, puxa pela sua *caixa de rapé*, é quasi certo que se aproximam dêle todos os presentes, afim de pedirem um pouco do tal pó.

O preto que péde, senta-se e bate as palmas, quatro ou cinco vezes, e estende a mão; é coisa tão frequente e pantomima tão explicativa, que não precisa de palavras.

O outro abre o cartucho, deita um pouco de rapé na palma da mão e com os dois dedos, á moda dos nossos bons velhos, atafulha as ventas com pó; só depois é que estende a mão e permite que o outro se sirva.

Quando qualquer preto chega a uma povoação, e depois dos devidos cumprimentos, a que é obrigado pela delicadeza (tratarei dêles mais ao deante), deita a pergunta:

— *forguia, shamuári?*

Tenho visto isto tanta vez que até já cheguei a crer que a maior parte dos pretos a fazem . . . . . por habito.

Um . . . . . (presentes) que se nóde dar a um preto

depois do vinho, é um pacote de tabaco, do nosso «tabaco holandez», e uma caixa de fosforos.

Sobre o tabaco, ha um vício bastante inveterado nos indígenas ; é o fumar canhamo *cannabis sativa*.

Bom seria que os europeus, e principalmente as autoridades, tentassem reprimir, por todas as formas possíveis, tal vício, porque, sendo o fumo do canhamo profundamente intoxicante, depressa leva os viciosos á morte, depois de os ter embrutecido por completo e posto no ultimo estado de magreza. A ajudar os efeitos, tem o preto, de si, a indolencia propria e a deficiencia da alimentação.

Havia em Sena um dèstes desgraçados que foi curado por meio de tabaco. Davam-lhe, de começo, o tabaco que êle queria para fumar e depois, quando já tinha perdido o gosto do canhamo, foram cortando-lhe a ração a pouco e pouco. Chegou a curar-se.

Eis a forma como o fumam.

Enchem uma garrafa com três quartas partes de agua e pelo gargalo introduzem uma cana delgada, furada, no topo da qual põem umas brasinhas e sobre elas pequenos pedaços de folhas secas de canhamo ; por cima colocam mais uma brasa e está completo o cachimbo. Para se fumar não é preciso mais do que aplicar os labios ao gargalo da garrafa, no espaço que a cana deixa livre, e aspirar com força, com muita força, e consecutivamente.

Tambem é muito usado o collocarem, a par do caniço, um corno de antilope e, pelo orificio que lhe praticaram, na ponta mais delgada, aspirar.

O fumo tem, pois, de passar pela agua. É uma rudimentar imitação do *kif* arabe, o que me leva a supor que esta *bonita* prenda foi implantada pelos monhés.

Como se sabe, o canhamo produz, logo ás primeiras aspirações do seu fumo, uma tosse forte, seca, acompanhada de grande salivação, uma tosse especial e tipica. Só depois é que vem a embriaguez, uma espécie de somnolencia em que se sentem as agradaveis sensações, os risinhos sonhos, *sui generis*.

Claro é que o preto não tenta aproveitar as fibras corticaes para fazer cordoalha e canhamaços.

Não ha ninguem, que tenha andado pelo interior, que não distinga ao longe, mal o ouve, o som da tosse do preto que está fumando canhamo.

\*

\* \* \*

Tratarei agora do referente a dansas.

O indigena dansa nos seguintes matizes e costumes...



queno ou grande que seja. Pode mesmo dar-se o caso de haver batuque por um motivo passado já ha tempo e que se adiou ou por não haver dinheiro na ocasião ou por não ser época da abundância de mantimento com que se faça o *pombe*.

Vou tentar descrever uma das dansas mais usadas na região da tribo Uateve, pois que conhecida que seja uma, forma-se perfeita ideia de todas, visto que pouco diférem e êsse pouco é nas cantigas.

Para que a dansa seja perfeita e completa, é necessário que os ânios estejam exaltados, que as partes componentes estejam, se não embriagadas, pelo menos quási.

Geralmente, o batuque é ha noite, ainda que haja muitos de dia. Aí pela tardinha, começam a chegar os convidados, os pretos e pretas de todas as povoações da visinhança que sábem que ha batuque, porque souberam que se fez grande quantidade de *pombe*, ou porque foram avisados pelo promotor da festa.

Principia-se a provar o *pombe* umas duas horas antes de começar a função, e cada um trata de ingerir a maior quantidade possível, afim de se pôr em estado de poder dar um bom dansarino.

Ao cair do sol, vêem os *engôma* para o sitio onde se deve realizar o batuque e, de quando em quando, vai dar, um, quatro palmadas na pele do tambor, a dar sinal de festejo e para experimentar da sonoridade do instrumento.

O *engôma* é uma espécie de tambor, feito do tronco de uma árvore, a que escavaram o centro, deixando só a parede circular com uns quatro centímetros de grossura, e que tem num dos lados, o mais largo, uma pele bem sêca e não curtida de antilope ou cabra, em guiza de tampo; essa pele é atada ha madeira por meio de uma *cambála* ou de uma tira de couro.

Dado o sinal para que a dansa principie, vão os tocadores sentar-se sôbre o *engôma* (esta palavra não tem plural) e começam a tocar batendo com as palmas das mãos, compassadamente, na pele.

Nos batuques ha sempre muitos *engôma*, afim de se fazer a differença de sons.

Os pretos e as pretas formam em semi-oval, no tôpo da qual ficam os músicos. Os sexos ficam separados, isto é, homens ha direita e mulheres ha esquerda da orquestra, moralissimamente.

A êste tempo já a animação é grande, já cada um berra e grita quanto pode.

Está começado o batuque.

Da fórma sai qualquer preto, correndo, aos saltos, uns saltos prodigiosos, extravagantíssimos, tanto mais apreciados quanto a nós nos parécem ridículos, com meneios extraordinários de corpo, movimentos lúbricos com

as nádegas e ventre, tudo isto no meio de muito pó que levantam com os pés, de muito suor, de um cheiro terrível a *pombe* e a catinga.

Todos estes movimentos são executados em frente da música, tentando acompanhar o seu compasso, e parando às vezes repentinamente para continuárem logo a seguir.

Do outro lado do oval sai uma mulher que, a passinhos curtos e sem graça, vai dansando em volta do dansarino, dando uns pulinhos que lhe fazem produzir um som sêco do chocalhar das argolas dos pés.

De vez em quando, o dansarino vira-se para ela e, colocando-se na sua frente, faz uns movimentos rapidíssimos com as nádegas, muito lúbricos, e dá-lhe uma pequena pancada com o ventre no ventre dela, imitando, ao vivo, uma scena sensual.

Depois, continua com os seus saltos e esgares, até que cansa e pára, dando um último salto, de que cai em posições estrambóticas e estudadas e para o qual êle reúne os restos da sua fôrça, pois neste último salto é que mostra tôda a sua sapiência de dansarino.

Durante todo este tempo, é feito o acompanhamento musical por todos os assistentes, que vão batendo as palmas, a compasso, e cantando as modinhas que, quasi sempre, são banalidades, palavras sem nexos ou narrativas de factos acontecidos em tempos idos.

Geralmente, as mulheres não cantam mais do que uns monótonos sons e vão batendo as palmas e dando uns pulinhos, sem saírem do seu lugar; resúmem a cantiga ha palavra *ihé*, que pronunciam em diversos tons e repetidas vezes.

Quando me referir a cantares, tratarei das modinhas usadas nos batuques.

E o batuque é a continuação do que deixo dito, nada mais tem.

Logo que um dansarino cai, vem outro substituí-lo e outra mulher vem fazer os mesmos pulinhos e as mesmas voltas em tórno do homem.

Tudo isto é acompanhado de muito barulho, muita gritaria, muita poeira e muito *pombe*. Quanto mais ha de tudo isto, mais animação e entusiasmo ha na festa.

Por fim, quando a dança está a declinar, porque as libações foram muito freqüentes, todos falam, todos cantam e gritam ao mesmo tempo, todos vão tocar um pouco de *engôma*, a render os músicos.

Quando o *pombe* acaba, quando já se não pode elevar a bebedeira a maior grau, vão-se afastando aos poucos e poucos, ficando só os mais novos, os que têm maior ardor pela festa, ou aqueles a quem a embriaguês já não permita que se levântem do chão.

Es aqui o que é um batuque: bebedeira e sensualidade.

Tenho visto batuques feitos por tôdas as tribus do Território, desde

a Sança, Alta Zambézia, até ao Mocoque, Baixo Govuro; os que acho melhores, mais bonitos, são os feitos pela gente habitante da região ao sul do Save.

Há alguns, mesmo, que não deixam de ser agradáveis de vêr.

A tribu ao sul do Save usa, como música, uma grande quantidade de marimbas, grandes e pequenas, acompanhadas pelo bater compassado e sonoro dos *engôma*, e nas quais tocam, com duas massanetas, em forma dos nossos xilofones, músicas bastante harmoniosas.

As mulheres, ali, desempenham uma parte relativamente importante na dança. Os homens usam uma espécie de guisos feitos de frutos secos, a que trocaram o miolo por pequenas pedras, em idas 6 e 8, colocados nas barrigas das pernas e nos braços; mexendo os pés e batendo os braços produzem sons agudos com que vão acompanhando a música.

Êstes «guisos» são feitos do fruto da árvore que, em *landim*, se chama *mashusha* e que em *ronga* se chama *marrongue*.

Com enfeites especiais, para os dansarinos, ha pequenos mólhos de palha seça, ou folha de palmeira brava (*m'xeu*) postos em redor da cintura, à moda de saias, e nos braços e pernas.

Ha uns outros, gente da raça *ronga*, habitante da região ao sul do rio Govuro, que fazem os acompanhamentos da música com pequenas gaitas, feitas com canas delgadas. Já vi êstes instrumentos nas mãos dos dansarinos *landins* e informaram-me que o usam ha muito tempo.

Êste instrumento foi introduzido na Zambézia, ha relativamente pouco tempo, por um rancho de gente do sul, que acompanhou áquelas parágens um funcionário da Companhia de Moçambique. Não o vi, porém usado por outros que não sejam os garotos, numa dança especial a que chamam *sanfonda* (nome-alcunha que os pretos deram a êsse funcionário) e que se me afigura ser uma parte dos batuques *landins*.

Estas gaitas, *maxáhua* nas línguas *landim* e *ronga*, são feitas de pequenos caniços, a que taparam uma das pontas com cera; soprando pela outra ponta, tiram um som agudo. Como num batuque, entram muitos homens e, como cada um dêles tem a sua *maxáhua*, cada uma com um som diferente, conforme a largura da cana, o conjunto do batuque é agradável de vêr e ouve-se suportavelmente.

Isto no referente a musica, porque na parte de bebidas, no final e nas peripecias dos intervalos, todos os batuques são eguas; em todos ha a mesma poeira, a mesma embriaguês e a mesma sensualidade.

Na Zambézia ha um *cateco* nome que lá se dá aos batuques que passa os limites da moralidade indígena; é o *shikiziri*.

O movimento principal é muito parecido com o da figura «Escocesa», das nossas quadrilhas.

Como já disse, fazem-se batuques por qualquer acontecimento havido na família. Muitas vezes também se fazem sem que haja acontecimento de maior, só porque alguém se lembrou de que tinha *mapira* a mais do que o necessário para viver uns dois meses.

¿Que importa a um preto que depois tenha fome, se com dois sacos de *mapira*, o sustento de um mez para toda a família, pode gosar numa noite inteira?!

• Nada, nada se importa com isso.

Pode-se fazer festa, ha *mapira* para *pombe*? Pois se ha, faça-se o *pombe* e venha a festa!

À primeira vista parece impossível que na região Uateve, onde a vegetação é extraordinária e onde o solo produz vigorosamente, haja fome. Pois, infelizmente, acontece isso bastas vezes.

À primeira vista parece impossível.

Ainda que a sua comida seja tudo quanto ha de mais frugal, ainda que o terreno tenha uma força vegetativa extraordinaria, e haja enorme abundancia de animaes que podem caçar a ocultas da autoridade e ainda que, pelo interior, haja muitos tuberculos e raizes comestiveis, alem de muitos frutos, o preto chega a ter fome, a ter que recorrer aos empréstimos caritativos de mantimento que a Companhia de Moçambique lhe faz, ou a recorrer aos gananciosos socorros do monhé.

O preto não sabe guardar, não pensa no dia de amanhã.

Se o ano foi bom e deu ótimos resultados agricolas, o indígena desfaz em *pombe* a *mapira* que lhe poderia servir, guardada, para se sustentar no ano seguinte.

Quando muito, põe umas massarocas de milho grosso, *magúere* ou *mapira manga* ou *mabônôre*, nuns paus, dentro das palhotas, por cima do fogo, a defumar. Nuns ceirões, que coloca dentro das palhotas, ou no centro da povoação, numa palhota especialmente feita para isso, guarda a *mapira* que tenciona empregar como semente no proximo ano.

No Uateye o homem não cultiva, acha isso degradante; só a mulher — a eterna besta de carga — é que olha pelo sustento da familia.

Se acontece haver um ano de seca, ha fome na região.

Na Zambesia já não acontece outro tanto. O homem trabalha na *mashamba* tanto ou mais que a mulher. Chega a ser tomada em alta consideração, nas resoluções dos *milandos* de divorcio e adulterio, o facto de o homem não trabalhar na *mashamba* a par de sua mulher.

Acho muitissimo bom que nós, os juises desses *milandos*, não passemos nunca em claro tal facto, porque é esta a melhor e unica maneira de obrigar o preto a entregar-se a trabalhos agricolas.

Na Zambesia ha sempre isso em mente. Num caso em que a mulher

se queixe de que o marido não trabalha na cultura da *mashamba*, o homem perde sempre; ao menos, quando mais não fôsse, serve para o incitar.

Na época da colheita ha batuques' e festas qquasi diàriamente; passados três meses ha fome e o amigo preto tem que ir pedir emprestado ao monhé, sob um juro fabuloso, mantimento para sustentar a família, ou tem que ir vender as galinhas e cabritos aos europeus que, sabedores da crise, fázem todo o possível para obter êsses artigos por dez reis de mel coado. E não se lhes pode ir ha mão, porque dízem que é *business*.

Nesses casos, os homens vão trabalhar para junto dos europeus por qualquer preço — muitas vezes só pela comida — os rapazes, *vegetam* ha fôrça de raízes e milhentas porcarias pelas povoações, e as mulheres vêem-se na necessidade, quasi sempre, de se prostituírem para terem de comer.

A causa principal da mortandade das creanças indígenas é essa crise. As mães alimentam-se mal, porque nada teem para comer, e por isso o leite enfraquece, chégando muitas vezes a secar; dão, então, às creanças uma espécie de pápa feita com farinha e água. É claro que o estômago do fedelho não agüenta com tal mixórdia, e é um *úr* que lhe dá. Uma simplíssima gastrite atira com êle para melhor vida.

Ha ocasiões de tanta falta de mantimentos, que as pretas chegam a passar semanas comendo as sementes do caniço ribeirinho, o tal *mitète*.

Nos garetos conhece-se perfeitamente se ha ou não fome na povoação; basta olhar-se-lhe para a barriga.

No tempo da colheita teem a barriga, *mimba*, muito cheia, muito saliente, quasi a arrebentar; no tempo da fome andam com ela vasia, encolhida, enrugada, metida para dentro.

\* \* \*

Aí por meados de Outubro principiam as mulheres a arrotear o terreno em que desejam fazer a sua plantação *mashamba*. Cortam o capim, raspando-o com a enxada e vão ajuntando-o em montículos junto às árvores.

Em fins de Novembro, num dia de sol, deitam o fogo a êsse capim, que ao tempo já está sêco; o fogo queima a palha e estraga a árvore a que está junto.

A cinza é depois espalhada pelo vento, que a vae deixando aqui e além, ao sabor do acaso. É êste o único adubo que o preto dá ha terra para a fertilisar.

Não faz isso grande transtorno, porque o preto anda constantemente a mudar o sítio das suas culturas e das povoações, por motivos que a seu tempo explicarei.

O terreno não é sachado; nada mais leva do que a raspadela que lhe dão com a enxada ao arrancárem aservas.

A enxada cafreal difere muito da nossa. É plana, em forma oval com uma das pontas bicudas e com um espigão na outra; este espigão serve para se cravar no cabo de forma que faça um ângulo quasi recto com a folha da enxada. A parte metálica é reforçada do meio para a raiz do espigão e tem uns 20 centímetros por uns 12 de largo.

Tem o feitio de um *L*, sendo o cabo o traço maior. Este cabo é feito de qualquer galho forte de árvore que tenha a ponta grossa afim de lá se cravar, pelo fogo, o espigão da enxada.

Cavam com o corpo muito dobrado e quasi sempre só com uma mão, levantando muito pouco a enxada do chão. Para bem dizer, não cavam: rapam.

A enxada tem grande valor para o indígena e serve-lhe para as suas permutas e compras entre si. Já vi na Sança, junto ao Barué, um casamento em que a *shuma* — preço de compra da rapariga — tinha sido uma simples enxada e 200 réis em dinheiro.

Barata feira, não ha dúvida, tanto mais que a rapariga adquirida por tal ninharia não era nenhuma peste.

Logo que as primeiras chuvas de Dezembro cáem, vão as mulheres para a sua *culima*, nome que muitos indígenas dão ha sua plantação. Já encontrei este termo no dicionário português de Cândido de Figueiredo (como sinónimo de cultura) e fazem a sua sementeira.

O milho grosso, *magúere*, *mapira manga*, *mabonore*, pois dão-lhe qualquer destes três nomes, é semeado aos 3 e 3 de cada vez, numa pequena cova que fazem com a enxada, sem disposição certa, com uma média de 1 metro entre cada; tapam a cova com o pé e deixam ficar. Nada mais sofre, nada mais lhe fazem; nem regas nem sachas. O milho lá germina, lá cresce e dá só por si, sem maior auxílio que a magnífica fertilidade do solo.

O milho é quasi sempre semeado nos terrenos húmidos, perto dos regatos.

Para semearem a *mapira*, milho miúdo, escolhem um dia de vento, em seguida a um em que tenha chuido, e deitam-a ha terra ao escapar da mão. Logo que tenha um palmo fóra da terra vão desbastal-a, no caso de ter ficado muito junta; se a *mapira* deu mal, esses rebentos são arrancados com raiz e plantados nos sítios onde não nasceu.

O *chibamba*, feijão, é semeado junto ao milho, em pequenos buracos que fazem com um pau delgado, e só se faz a colheita quando o milho está sêco.

A mandioca (manihot utilíssima) é plantada perto das povoações, em

pequenas covas onde entérram as estacas que foram buscar a qualquer árvore antiga.

A *bambahira*, batata doce, é semeada nuns montículos que fazem, de 40 centímetros de altura aproximadamente, e onde entérram os rebentos que vão buscar a qualquer plantação. Um pé de batata doce alarga duma forma extraordinária, no mesmo sentido dos nossos morangueiros.

A *malanga*, abóbora, é semeada na *mashamba* por meio da *mapira*, e só uns dois meses depois desta ter sido semeada.

E nada mais cultivam, a não ser uma pequenina porção, e ainda assim não é em tôda a parte, de amendoim. Serve-lhes para fazerem óleo para a comida principalmente para o *muribo*, pois que o óleo extraído da mafureira só é empregado nas untaduras do cabelo.

O milho grosso e o feijão são da mesma qualidade dos nossos, mas os bagos do milho são mais grossos e a massaroca mais comprida. Já vi pés de milho com 3 metros de altura e de *mapira* com 4 metros. É tirado em Junho e Julho e, em certos pontos, em Fevereiro e Março, dependendo isso da forma como choveu durante o ano e do local onde foi semeado.

A batata doce é plantada em Junho e colhida, os tubérculos, em Outubro e Novembro.

A mandioca é plantada em Janeiro e colhida em Outubro, ao sabor da necessidade, um pouco hoje um pouco amanhã.

Por meio da *mashamba* tem umas palhotas mal-construídas, pequenas, que servem para guardar o mantimento.

Em Agosto vão as mulheres e os rapazes para as culimas com os *kitundo* (cestos) e começam a colher os cachos de *mapira* e ajuntando-os num certo local, donde depois os transportam para a povoação.

Todos os dias, ha medida que vão sendo necessários, vão buscar os cachos e põem-os ao sol durante cinco a seis horas, para secar; colocam-os depois em cima de um *kitundo* de fundo raso e vão-os batendo com uma pequena vergasta e fazendo, assim, com que elles lárquem os pequeninos bagos.

O tôro é deitado fóra e os grãos são metidos, em quantidade de dois litros de cada vez, no *dule*.

Este *dule* é um pilão alto, de quási um metro de altura, feito do tronco duma árvore a que escavaram um grande bocado, até meio, e em que a outra parte fica mássica.

Duas mulheres, geralmente raparigas, pilam; uma de cada lado, com duas varas grossas e pesadas, vão esmigalhando a *mapira* levantando e deixando cair pesadamente a vara.

De quando em quando vão deitando uma pouca de água no *dule*, para que a *mapira* não aqueça e se esmigalhe mais fácilmente; quando já está reduzida a uma espécie de massa, é posta ao sol a secar.

No dia seguinte vae à *libué*, pedra, transformar-se em farinha. Eis a maneira como isto é feito. A *libué* é uma pedra grande, lisa, quadrilonga, que se coloca no chão, enclinando-a um pouco por meio de cunhas que lhe põem num dos lados. Uma mulher ajoelha junto dela, pelo lado mais alto, e deita uns poucos de bagos de *mapira*, ou uma porção de *mapira* já triturada pelo *dule*, e vae, com uma pedra mais pequena e que segura com ambas as mãos, transformando em pó fino, em farinha.

O movimento do corpo é todo feito sem que os joelhos levantem do solo; estende e retrae os braços e assim vae triturando a *mapira* que, ha medida que vae ficando farinha, vae deslizando pela pedra grande, inferior, e vae caíndo num *kitundo* de funchato que está ao fim da pedra.

A mulher vae fazendo esta operação vagarosamente, ao som de monótona cantiga ou de fraquíssimo assobio que deixa passar por entre os lábios.

A farinha sae fina, branca.

O milho é comido sem ser transformado em farinha; come-se assado ou crú, quando novo e tenro, cosido em água quando já duro.

O feijão é cozido e comido como acompanhamento de farinha.

A batata doce é também cozida em água, e comida assim; com as folhas, bem como as do arbusto *tôve*, fazem uma trituração, muito parecida com o nosso esparregado, a que chamam *muribo*.

A farinha da *mapira* é cozinhada e comida da seguinte fórma. Põem ao lume uma panela de barro, terra argilosa, cheia de água e deixam ferver; logo que tal acontece, deitam-lhe a quantidade de farinha que caiba e vão-a mexendo com um pau fino.

De vez em quando deitam mais farinha e vão mexendo; ao fim de duas horas de cozimento está pronta; está transformada numa massa tri-gueira, escura, bastante consistente, que deitam em pratos feitos de cascas de árvore ou em folhas de bananeira.

O preto não tem garfo nem colher; a *sarja* (farinha cozida) é comida ha mão.

Métem a mão direita no prato e tiram uma porção de comida ha mão que vão amassando entre os dedos até lhe dárem uma fórma quasi circular; depois, se tem caril, *shissau*, levam essa pequena bola de massa ao caril, ou ao *muribo*, e vão-a remexendo entre os dedos até que fique impregnada de mólho, sendo então comida.

Em norma as refeições são duas; uma de manhã, feita pela mulher antes de ir para a *mashamba*, outra ao cair da noite.

É raro, raríssimo mesmo, que um preto mate um dos seus animaes domésticos para comer; as cabras, os carneiros, galinhas, porcos, etc., são creadas com o fito unico de serem vendidos ou permutados por generos ou artigos de que careçam.



No tempo do pagamento do Imposto de Palhota é quando o preto mais vende êsses animaes.

Como caril, o que mais usam é a carne da caça que matam e servelhes a de quási todos o animaes; para que ela esteja em bom estado, e para que tenha melhor gôsto para o seu paladar, deixam-a apodrecer e só depois é que a cômem.

Se o animal foi morto hoje, e se tem mais carne do que a necessária para o dia, penduram as peças mais importantes ao ár livre, ao sol, e só quando êla já exala um cheiro terrível a podre, só quando já esteja repleta de vermes, é que lhe acharão o melhor gôsto.

\*

\* \* \*

Já agora que tratei de caça, aproveito a ocasião para descrever as diversas fórmas que usam para ela.

Tem muitas e variadas, desde o simples visco para os passarinhos até ha cova para os etefantes.

Para os pássaros usam, mais geralmente, o visco, que é feito pela seguinte fórma: da árvore *munhive* extraem a casca, que depois é bem raspada com um canivete; essas raspas vão ao *dule* e são muito bem piladas, formando uma massa que a seguir é lavada em água, para ficar mais mole. Quando quérem apanhar os pássaros untam um pequeno pau nesse visco, a que chamam *urére*, e colocam-o nos ramos dos arbustos.

É de notar que, segundo observei, é sempre a árvore *munhive* a que empregam para a extracção das nossas *costelas*.

Para os coelhos empregam uma armadilha bastante curiosa.

Num caminho qualquer, preferindo-se os que estejam bem limpos, põem uns montões de terra e palha, imitando o natural, de fórma a fecharrem-o e a deixarem só uma estreita abertura. Ao lado dessa abertura enterram um pequeno pau de forma a ficar numa posição tal que o seu topo esteja por cima do carreiro; por esse topo, que é furado, passam uma *cambala* fina, ou cordel, na ponta do qual prendem uma pedra e a outra ponta é posta no chão, no centro do carreiro, segura na extremidade dum pausito e perfeitamente dissimulado na terra.

O coelho que vem pelo caminho tem que passar pela tal abertura, ponto unico em que o carreiro não foi tapado, e ao pisar o pausito desprende o cordel, o que faz com que lhe caia no lombo a pedra suspensa.

No mesmo genero usam tambem a seguinte: fecham o caminho como deixo dito e, ao lado, a um metro aproximadamente, enterram um pau ao qual prendem um bambu fino partido ao meio e que, com um cordel, obri-

gam a descrever um arco de circunferencia de forma a que a ponta vá ficar sobre a abertura do caminho, a uns 30 centímetros de altura. Nessa ponta armam um laço de correr que colocam de forma a apanhar todo o carreiro e a poisar ao de leve no chão. A *cambála* que obriga o bambu a ficar na posição indicada é amarrada num pausito posto no centro da abertura do carreiro. O coelho, ao passar, pisará esse pausito o que fará com que o bambu, livre da pressão da *cambála*, se endireite e leve o laço que, correndo, apanhará o corpo do coelho.

Claro é que isto nem sempre dá resultado; mas o preto tem a paciência necessária para esperar dias e dias que lá caia algum animal.

É raro o caminho e estrada que não tenha, nas proximidades das povoações, uma e mais armadilhas e não ha indígena que as estrague ao passar por elas; antes pelo contrario, se estão desmanchadas, parará e compol-as-ha.

O dono delas lá vae todas as manhãs ver se tem carne para o caril.

Para os antilopes usam faser umas covas na terra, de diversos tamanhos e profundidades, que depois tapam pondo-lhe uns paus finos, geralmente bambu cortado ao meio, por cima, com terra e capim, de forma a não se conhecer que foi ali feita a escavação.

Aos lados abrem uns caminhos para chamar a atenção da caça e melhor encobrir o corte de capim no sitio da armadilha.

Qualquer animal que passe cairá na cova e como ela é feita de forma a que no fundo não haja espaço para se poderem formar saltos, ali morrerá.

Para os animaes ferozes usam do mesmo sistema, com a diferença de que colocam no fundo da cova, e enterrados no chão, uns paus bem aguçados na ponta que fica para cima; o animal ao cair espetar-se-ha e morrerá.

Quando é leão que lhes tem comido gente da povoação, amarram em cima da armadilha um cabrito, a uma perna do qual prendem uma *cambála* que um preto, de cima de uma arvore, no seguro, irá puxando de vez em quando, para obrigar o cabrito a berrar e servir de chamariz ao leão.

Isto, no entanto, é feito só quando a fera já tem comido gente na povoação que fez a armadilha, pois o preto teme tanto a força brutal do leão que não tenta de bom grado contra a vida do rei das selvas. Só animado do grande desejo de vingar a morte de pessoa amiga, ou parente, é que se resolve a ir dar caça a *m'tenje Pondoro* (senhor leão), animal a que eles chegam a ter profundo respeito.

Nessas ocasiões, desejos de vingança, o preto reveste-se de tal soma de coragem que cheda a ir atacar a leão.

Quasi sempre, porem, quando alguma povoação foi vilima da fome do leão, os homens das povoações mais perto são convidados a fazerem parte duma batida e esta realisa-se em forma.

Vinte ou trinta homens armados com os seus arcos, azagaias, machadinhos, espingardas, etc., o que teem, formam em semi-circulo e vão seguindo as pegadas do leão até que o encontrem. Durante a marcha reina o maior silencio mas logo que a fera é avistada e lhe fazem os primeiros tiros, cada um grita quanto pode e faz o maior barulho possivel afim de desnortear e, talvez, atordoar o animal com todo aquele charivari. É rara a batida em que o leão não morre, mas ainda é mais rara aquela em que não morre um, dois, ou mais pretos. Logo que o leão cae, mortalmente ferido, é rodeado por todos os caçadores que o transportam para a povoação onde cada habitante, cada pessoa da família injuriada pela fera, cada creança, mesmo, vae enterrar a azagaia no cadaver do leão, para tirar vingança

É esta a razão porque é raro ver se uma pele de leão em bom estado; todas elas são estragadas pelas azagaiadas de tanta gente.

A pele será dada ao *manamambo* (chefe da povoação) o qual a dará ao *mambo* (regulo), que, por seu turno, a dará ha autoridade europeia a que pertença o seu distrito, sendo todas estas dádivas tomadas como sinal de preito e vassalagem.

Para caçarem as *shôma* (gazelas) e os outros antilopes de pequeno porte, empregam pequenos laços de correr, seguros a uma arvore, nos sitios onde abundam estes animaes.

Estas armadilhas só muito raramente dão resultado, pois é necessário que a caça passe por sobre o laço e pise o pausito que o retem.

Já uma vez, ha bons apos, indo eu fazer uma caçada com o caçador de profissão Snyders e o meu amigo F. Lima, se deu o caso de eles, bons atiradores, experimentados, e com a boa *Norma* a guiar-lhes os passos, andarem 6 horas a bater mato sem apanharem uma unica peça de caça e eu aparecer na povoação, onde eles já estavam de volta, cançadosissimos, tristes por terem que mandar cozinhar galinha, com uma gazela ás costas, mas, . . . . viva, que a tinha apanhado numa armadilha de preto, das taes de laço de correr.

Para as grandes caçadas usam os pretos fazer batidas, mas para isso necessitam de fazer préviamente um cercado em arco de círculo, num ponto qualquer. Esse cercado é feito de paus de metro e meio de altura, pouco mais ou menos, enterrados no chão e ligados entre si por meio de bambús e esgalhos de acácias espinhosas. Nesses cercados abrem uma especie de porta, junto da qual se postam dois homens armados de azagaias.

Todas as povoações daquela região dão uns tantos homens, quantos

mais melhor, que, acompanhados dos seus sempre estaimados cães, magríssimos, os celebres *cães de preto*, vão fazer circulo e roda a uma certa extensão de terreno. Dado que seja o sinal de começo da batida, e para isso usam um genero de trompas feitas de corno de antilope, escavado, com um orificio na ponta por onde assopram e tiram um som forte e agudo, principiam todos os pretos a fazer o maior barulho possivel e a correr em direcção ao cercado, tentando sempre collocarem-se de forma a ficarem por fóra dos animaes que, espantados pela algazarra, correm para a frente, em direcção ao cercado. Como não o podem saltar, por ser muito alto, ladeiam-o e, logo que vêm uma das taes portas, encaminham-se para lá, tentando sair. É nessa occasião que os dois homens, que lá estão esperando, a matam á azagaiada.

Quando a gente é muita e o cercado de grande comprimento, a caçada dura dias, porque principiam a bater o mato de muito longe.

É costume fazêrem o cercado em volta das *mashamba* porque, além da serventia para as caçadas, serve para proteger as culturas contra os javalis e outros animais daninhos.

Além disto, porém, também têm o costume de írem caçar sósinhos, cada um de-per-si, armados de azagaias, armas, arcos, o que possuem, e com o cão que, devido ha sua quixotesca magresa, não faz mais do que levantar a caça, pois não tem a fôrça necessária para, correndo, alcançar o animal ou segurá-lo. Em compensação, possuem um instinto magnífico, para seguirêrem um rasto.

Também o indígena emprega o sistema, adoptado por quási todos os *caçadores* europeus, da armadilha de barril.

É assim: collocam um barril vasio no chão e dispõem uma espingarda de tal fórmula que fique com o cano perto da parte a que tiraram o tampo; a coronha assenta na terra. Dentro do barril, põem a isca, qualquer pedaço de carne fresca, ha qual prendem um cordel que, por meio de uma volta, vai segurar o gatilho da espingarda. Logo que o animal mete a cabeça no barril e puxa a carne, a espingarda dispára e o animal cai morto, pois a arma é posta com a inclinação calculada para pontaria feita um pouco acima da peça de carne que serve de chamariz.

O preto, quando na povoação, entrega-se muito a este ramo de sport. Tem mil e um estratagema para caçar; vou descrever um, que é bastante engraçado.

É *pescar* marabús. Como é sabido, esta espécie de cegonha alimenta-se, de preferênciam, com pequenos peixes, que consegue agarrar nas lagôas, ao cabo de longas horas de expectativa, naquella sua posição tão característica e tão parecida, com as penas brancas no peito e rabo escuro, a um janota de fraque.

Eis como o preto caça os marabús. O caçador pesca alguns dos peixitos da lagôa, *simbo* quasi sempre, abre-os e introduz-lhes no corpo um anzol a que prendeu um cordel fino mas forte; a ponta desse cordel fica amarrada a uma pequena estaca enterrada na terra, bem segura. O marabú vem, vê o peixe, aboca-o, com aquele grande bico de papeira, e lá vai a isca e o anzol. Já dali não arranca. Se o preto não anda perto, á côca, os gritos estridulos do pernalta o chamarão; uma boa cacetada põe termo á vida do animal.

Se o caçador — talvez fosse melhor chamar-lhe *pescador* — é de região perto de centro de europeus, tira a pele ao pernalta e vae vendel-a; em caso contrario limita-se a comer a carne.

Dou um resumo das armas empregadas pelos pretos.

Arco — *húta* — Pau de dois metros de comprido, mais fino nas pontas, com uma tira de couro a ligal-as.

Seta — *m'paxe* — de caniço fino, de meio metro, com um espigão de ferro num dos lados e umas penas de galinha da outra, para conservar a directriz.

Azagaia — *dungo* — de pau forte, simples, sem grandes enfeites, com 1,50 comprimento, largo ferrão na ponta.

Machadinha — *sando* — lisas, de cabo curto, ferro estreito.

Espingarda — *futi* — não ha feitas pelos indígenas; usam as nossas antigas de pederneira, ou Enfield. Preferem as primeiras porque as podem carregar com grossos pedaços de ferro natural, verdadeiros zagalotes.

\*

\* \*

Dou agora uma lista das doenças mais frequentes entre os indígenas e os remedios que eu vi empregar por varias vezes e por diferentes curandeiros.

### Dôr no ventre

Muito frequente entre os pretos, principalmente quando não muito dispostos a irem trabalhar.

*Remedio* — Cozimento de raizes de *Tenguère* tomado sempre que se sentem as dores.

*Tenguère* — Arvore de 2.<sup>m</sup> de altura, fructo encarnado e em forma de amendoa. Comestivel. Floresce no tempo das chuvas.

### Lombrigas — Nhôca á mimba

Frequentissima entre as creanças.

*Remedio* — Deita-se raiz de *calumba* em agua e ferve-se; esse cozimento é bebido ou fazem-se papas com ele, para comer.

*Tratamento* — 50 gramas de calumba em 100 gramas de agua, por dia.

### Lepra — Matanha

Ha bastante e com tendencia a desenvolver-se. Em 5634 indivíduos encontrei 41 gafos.

*Remedio* — Queima-se a raiz de *Fucuta* e com as cinzas esfregam-se as partes doentes, ainda que ha *n'gangas* que esfregam todo o corpo.

*Tratamento* — Lavam-se as cicatrizes com agua de *Nhacatondo* e colocam-se as cinzas de *fucuta* em cima; como a agua de *nhacatondo* é um tanto gommosa, principalmente quando se emprega um kilo de raiz para um litro de agua, as cinzas ficam agarradas ao corpo. Procede-se desta forma tres dias a seguir, fazendo tratamento uma vez por dia. Ao terceiro dia colocam-se cinzas em maior quantidade e deixa-se ficar em maior quantidade por 3 dias, sem mais tratamento. E assim consecutivamente. Dizem que ha muitos casos de cura, principalmente quando as cicatrizes ainda são pequenas.

Dizem ser bom, juntas ás raizes de *fucuta*, algumas folhas novas da mesma arvore.

### Sarna dos cabritos — Shicurucuta

*Remedio* — 200 gramas de raiz de *bongué* bem pilados e esfregar o animal com ela. Ha casos em que o pelo cae, mas não tem importancia.

### Cataractas — Togô

É raro tratarem esta doença por isso que não lhes causa grandes dores, nem os incomoda muito. Só a tratam quando as nevoas são sobre os dois olhos.

Quando este caso se dá, vão ao *n'ganga* que lhes aplica o primeiro remedio que lhe vem ha cabeça porque, como tiveram a desfaçatez de m'o dizer, não *estudam* tal doença por... falta de doentes. Só encontrei 3 que me disseram o mesmo remedio.

*Remedio* — Coser as folhas de *Bongué* e pol-as sobre os olhos, quando com as palpebras fechadas.

*Bongué* — Arbusto de 0,50 de altura, de tronco fino e raiz grande no genero bolbo. Vi um destes bolbos com 1,35 de circunferencia. As raizes, o tal bolbo, serve para curar a *shicurucuta* dos cabritos.

### Matongo — Doenças dos olhos

Começam a avermelhar os olhos e a sentirem-se dores fortes no interior d'elles, acompanhadas duma especie de picadas. Dias depois os olhos começam a ficar rajados de sangue e custa a abrir as palpebras. Passados 4 ou 5 dias purgam materia e enfraquece a vista. Dá em homens fracos e nos velhos; é raro nos rapazes.

*Remedio* — Pisar bem folhas da arvore *Muçurongo*, deitam-se em um pouco de agua (1:25).

*Tratamento* — Lavagens dos olhos 3 vezes ao dia. Cura em 10 dias.

*Muçurongo* — Arvore de grande porte, com fructo parecido ha azeitona preta, comestivel e de sabôr agradavel. A flor é branca e parecida ha da mangueira. As raizes servem para as hemorrhoidas.

### Nharatundo — Dores dlureticas

Quasi sempre acompanhadas de sangue. Grande ardencia no canal, quando se urina.

*Remedio* — Raiz de *M'shinga* e raiz de *shinshôva* cosidas durante 4 horas, em agua, na proporção de 1 kilo de cada raiz em 2 litros de agua. Depois de bem cosidas, emprega-se a agua para faser a comida do doente. As raizes podem deitar-se em agua para ser bebida pelo doente sempre que queira.

### Dysenteria

*Remedio* — Fervem-se raizes de *Minimini* em agua e com ela faz-se a comida do doente.

*Tratamento* — Comida, assim preparada, duas vezes ao dia. Agua de infusão de *minimini* sempre que haja sede.

*Outro remedio* — Raizes de *M'caca-bua* procedendo da mesma forma.

### Shifua á Shócôlo — Tísica

Muito vulgar, visto que raras vezes tratam a *shifua* (constipação). Muitos remedios, poucos, ou nenhum, bom.

*Remedio* — Pega-se em 30 gramas de raiz de *Nhaculucule* e 20 gramas de raiz de *Tenguéne* e deitam-se na panela onde se está cozinhando a farinha que o doente deve comer. Quando a massa está pronta, retram-se as raizes.

*Tratamento* — Comida, assim preparada, duas vezes ao dia até

que as dores do peito acabem ; cozem-se depois raizes de *Pimbi* (70 gr.<sup>as</sup>) com raizes de *Nhashéreshére* (70 gr.<sup>as</sup>) em 100 gramas de agua. Bebe-se essa droga 2 vezes ao dia até que o tísico comece a ter apetite e a sentir-se bem.

*Tenguéne* — já indicada.

*Pimbi* — Árvore grande com latex encarnado, consistente, quasi resinoso.

*Nhashéreshére* — Arbusto rasteiro com raizes encarnadas, grossas. O fructo quando espremido deita um sumo parecido com o vinho.

### Shinsururo

É um remedio indígena que me parece de toda a conveniencia que seja estudado, pois tenho a certeza de que ha de ter um valor commercial muito consideravel. É empregado para o tratamento do venereo indígena *búba*. Tambem serve para as dores no figado, quando são muito fortes e não cessam com qualquer outra droga.

*Prepara-se:* — Cortam-se 100 gramas de raiz de *shinsururo* e põem-se ao alto, de forma que o latex escôe para um reservatorio. A esse latex, uns 8 gramas, junta-se farinha, 10 gramas, e faz-se uma especie de pápas de que só se pode comer, *em maximo, TRES* gramas o que faz efeitos immediatos de purgante violentissimo que arrasta sangue. **Extremamente venenoso.**

Termino aqui os apontamentos escritos sobre a região do Quiteve.

Foram escritos da forma que me pareceu melhor para fugir ao aborrecido das descrições massadoras.

Como já disse, não tenho a pretensão de com este trabalho ter feito obra prima ; escrevi-o, e escreverei a continuação, com o unico fito de ser prestavel á Companhia.

Todos os apontamentos que aqui deixo, foram escritos por mim sem colaboração de especie *alguma*, aos poucos e poucos, como passatempo recreativo, nas longas noites passadas no interior do Territorio, largando para o papel as impressões do que tenho visto, analisado e estudado.

(Continúa)



# Usos e costumes de Quiteve

## Territorio de Maníca e Sofala

(Continuação da pag. 162 do Boletim de Setembro-Outubro)

Dou a seguir uma historieta engendrada para mostrar, num pequeno resumo, os principais usos da Zambézia.

A descrição completa, bem como a do Quiteve, virá a seu tempo.

### Nhamezinga

#### Historia de costumes zambezianos

Chegou, enfim, um dia em que Nhamezinga pensou em largar a vida de *m'pale*, aquela vida de *goeiro* cheia de fictícios prazeres de luxuria debochada.

Alem de que o seu futuro *tébzára* apressava o casamento, por necessitar de um braço que o ajudasse nas plantações desse ano, Nhamezinga sentia-se farto de ser considerado *m'pale*, de não ter voto nas resoluções dos grandes da povoação e de trabalhar *ápézi* (sem remuneração). Que ele tivera arguclas suficientes para se esquivar bastas vezes, lá isso é verdade, mas, de quando em quando, lá tinha que ir trabalhar para o *Luane* um mez, sem ganhar e tendo ainda que levar de casa o sustento.

Não ha duvida que é um tanto duro o ter a gente que ir trabalhar de graça e nem ao menos nos sustentarem; mas, enfim, que se lhe ha-de fazer? Isto é o nosso Imposto, é o tributo de homenagem, o preito que se rende ao *Luane*, ao Europeu.

O *m'zungo do Luane* (autoridade administrativa) todas as luas mandava avisar o *nhacuawa* (regulo) de que precisava de uns *apále* e umas tantas *acicana* para os serviços do *Luane*. E o *nhacuawa* lá indicava aos seus *sapanda* (ajudantes) quaes os rapazes e raparigas que deviam ir na léva desse mez.

Depois lá iam todos numa levada, assim a modos de malta, cada um levando o seu *shitundo* (cesto) de farinha para comer durante o tempo que estivesse prestando serviço. No fim da lua, quando outro *nhacuawa*

tivesse mandado nova remessa de gente miuda, voltavam para casa, todos satisfeitos, contentes, por se verem livres de tal serviço.

Não que ele pese, ou seja demasiado; não, lá isso não era, mas, emfim, era sempre trabalhar *ápézi!*

Pois, como ia dizendo, Nhamezinga estava farto da vida de solteiro, farto de ser *m'pale*, e, até, farto do deboche do *goeiro*. E isto simplesmente porque ele não tinha, como lhe constava que havia entre os *m'zungos*, conveniências de sociedade a servirem de freio ao desenvolvimento prematuro da paixão pelos prazeres sexuaes; nada, ele, como todos os outros, teve licença para, logo desde creança, se entregar ao sensualismo.

Foi, mesmo, a propria mãe que desde pequenino o preparou para isso, lhe desenvolveu esse gosto.

Também, a mãe de Nhamezinga, sendo uma das mais arreigadas a todas as crenças e costumes dos seus antepassados, foi, pelo sistema em uso ha centenas de anos, e ainda em vigor actualmente, promovendo o desenvolvimento physico de seus filhos.

Nhamezinga continuou a sofrer a mesma operação do *goeiro*, que a sua pequena *macazi*, viciosa como todas as *acicana* da Zambesia, entretinha-se com isso.

Logo que se encafuavam na *jumba* (especie de sacco feito de trança de palha, servindo de cama) e para estímulo do *manga-mlendo* (que é, nem mais nem menos, o que nós fizemos em creança sob o nome de "for-ninhos").

Para melhor compreensão desta historia, vou dizer o que seja um *goeiro* e um *nome*.

Com estes termos se designam, em toda a Zambesia, as casas onde pernoitam, numa promiscuidade definhadora, todas as raparigas e rapazes ainda não juntos aos seus respectivos consortes. Quando ha uma quantidade de povoações perto umas das outras, faz-se um só *nome*, ou um *goeiro*, e ali é que dormem todos os rapazes e garotas dessas povoações. Também acontece algumas vezes que num distrito de regulo pequeno haja um só *nome* e então ha *m'pale* e *acicana* que tem que andar todos os dias um par de kilometros para ir dormir.

Nos pontos mais fiscalizados pela autoridade, e por imposição, já ha dois *goeiros* separados e a rapaziada é obrigada a dormir separada, isto é, *apale* num dos *goeiros* e *acicana* no outro.

O *nome* é, como todas as palhotas, dum só compartimento. Ali dormem todos, uns ao pé dos outros, sem a mais pequena noção de moral e, longe, muito longe, das manifestações naturaes do pudor europeu.



O casamento de menores não é prohibido pelo indígena; é, até, auxiliado. Logo que o pae da rapariga receba um presente qualquer, uma moeda de 500 reis, por exemplo, dá plena liberdade á filha para se amancebar com qualquer rapaz no *goeiro*, mas só ali.

Esta pequena importância pagará por todo o tempo que o rapaz móre na povoação: de vez em quando dará uns trapos á rapariga, mas sem que isto entre, por qualquer forma, no contracto feito com o pae. Os *saguale* (presentes) á cicana são feitos por livre vontade do m'pale, para que a rapariga ande mais contente.

A gente que vive sob o regimen dum destes contractos, diz-se amancebada; a rapariga fica sendo *macazi* do m'pale.

A *cicana* pode ter o seu marido, o que o pae lhe destinou e com o qual fechou contracto de casamento, que nada a impede de ter o seu *macazi*. O m'pale, pelo facto de ser *macazi* de qualquer rapariga, não tem direito absolutamente algum sobre ella; dorme com ella no nome, goza-a, e nada mais.

E tanto não tem direito algum que se da ligação de dois *macazi* nasce um filho, fica elle pertencendo ao pae da rapariga. Este é o unico dono da creança e trata-a como se fora nascida duma de suas mulheres. Se o *macazi* fizer *milando* para reclamar o filho, e se provar que a sua ligação com a rapariga foi feita sob o regimen de *macazi*, perde a questão.

É muito raro que um *macazi* case com a sua *macazi*, porque os casamentos são contratados pelos paes das raparigas quando ellas são pequenas. Se, num caso excepcional, os *macazi* gostam tanto um do outro que desejam casar por. . . . amor (posso empregar o termo? . . .) o rapaz tem que dar ao pae da rapariga os artigos que este tenha recebido do homem com quem tinha contractado o casamento da filha.

Nos *nomes* e nos *goeiros* dormem, em geral, só os rapazes e as raparigas solteiras (*apale* e *acicana*). Tambem lá dormem, ás vezes, os passeantes que pernóitam na povoação.

Como estes rapazes e raparigas não pagam imposto de capitação, são obrigados a prestar serviço gratuito ao emphiteuta do *prazo*, bem como a terem os caminhos e estradas limpas, sem palha. A vida de *apale* é uma vida santa, tirante alguns maus bocados passados por falta de mantimento para comer.

Lá de vez em quando combinam todos os habitantes dum *goeiro* um passeio, e então é ver a alegria com que elles vão, dormindo hoje aqui amanhã alem, por essas terras a cantar e dansar em publico e razo.

A especialidade dos *nomes* é saber cantar e dansar bem. Passam horas e horas a aprender uma dansa nova. Cada um tem lá a sua dansa especial, aquella em que mais se aperfeiçoaram, mais vezes executam.

Ora, para olhar por tudo isto, para distribuir serviços, para dirigir as marchas quando em peregrinação, para impor ordem e mandar em todos, ha um *rei* e uma *rainha*, termos estes empregados por eles.

Como se pode calcular, o ser *rei* dum *nome* é uma bela posição, com belos proventos. Tem preferéncia e interferencia em tudo quanto se passa a dentro das paredes do *nome*, resolve todas as questões entre *apale* e *acicana* e recebe as primicias de qualquer recenhegada. Isto afora, se é um *rei* despota, uns tantos abusos que nenhum pode reprimir.

Pois o meu Nhamezinga chegou a ser *rei* dum *nome*, mas dum dos maiores *nomes* que havia naquelas vinte leguas em redondesa. Ah! gosou até mais não, até se faltar, porque ele, conscio da sua força muscular, e com algum dinheiro que de vez em quando arranjava, indo á vila vender cera que apanhava nos passeios que dava pela floresta visinha, visito por mais de uma vez todas as fumbas do seu *nome*.

Tinha uma vida feliz, cheia de encantos. Vivia como quasi todos os apales. O unico serviço que era obrigado a fazer, afora o ter que passar um mez no *Luane*, cada ano, era, de Fevereiro a Junho, proteger as *mas-hamba* dos ataques que a passarada lhes fazia. De manhã, sobre a madrugada, levantava-se e ia, com toda a garotada do *nome*, para os campos de *mapira*, enxotar os passarinhos famintos. Metiam-se pelo meio da plantação e iam largando berro e grito, a ver se assim conseguiam afugentar os inimigos.

Para quando o calor apertava, lá pelo meio dia, construiam umas pequenas cabanas sobre uns paus altos, afim de ficarem a uns dois metros do chão, e de lá atordoavam a passarinhada com gritos. Para ajudar, prendiam numa arvore distante uma cambala, ou uma simples junção de fios de *m'sheu*, palmeira brava, e agitavam-a de vez em quando.

E era este todo o serviço, como, de resto, o de todo e qualquer *m'pale*, seja ele filho do regulo ou de colono.

Em tempos em que a comida não abunda, o que, para não variar, é quasi todo o ano, afora a epoca da colheita, eles é que tem de procurar sustento. Lá se aguentam com os fructos do mato, com uns pedacitos de farinha que as mães ás vezes lhes dão, o que, tudo junto, chega para se passar fome muito honestamente e para se constatar diariamente que a barriga tem uma tendencia especial para se ligar ás costas.

Se não tomam o expediente de abandonar a povoação e ir procurar trabalho, rapam fome de mil diabos.

E o ganhar a comida não é coisa tão facil como á primeira vista parece. Para um homem, está bem; arranja um *motor* (carga) de farinha para comer, e vae para o mato procurar cera para vender ao monhé. Mas para um rapaz, sem pratica, fraco, não é das coisas mais faceis. Os mais

pequenos vão ás vilas procurar serviço nas casas dos europeus, ou nos commerciantes asiáticos que, a mór parte das vezes, lhes dão só sustento e um pano por cada dois mezes de trabalho. Os maiores vão oferecer-se ao *Luane* para serviço fóra do districto, ou vão para a Rhodesia procurar trabalho nas minas.

A corrente a favor das minas do Transvaal e Rhodesia está estabelecida e muitissimos já sabem o caminho e lugar onde encontram quem facilmente os empregue ou angarie.

Andam por lá uns 4 ou 5 mezes e voltam duas ou tres libras e umas bugigangas espalhafatosas.

O dinheiro serve-lhes para procurarem casamento, ou para livrar os paes de qualquer rascada financeira, pois é raro o preto que vendo seu filho ir trabalhar para fóra das terras se não mete em camisas de onze varas e não tem, no regresso do rapaz, que pagar o que fez, com o dinheiro que o filho por lá ganhou.

E durante todo o tempo que o rapaz por lá andou, a *macazi* foi tratando de lhe arranjar substituto. É certo que logo que êle chega, se traz dinheiro, volta a entrar nos seus legítimos direitos nocturnos, principalmente se não se esqueceu, o que sempre acontece, de trazer um qualquer trapo ou um massete de vistosa missanga.

Voltemos, porém, a Nhamezinga.

Um dia, quando menos o esperava, e quando ainda tencionava abusar bastas vezes do seu supremo mando de *rei* do *nome*, teve que mudar de *nome* e de povoação.

Foi o caso que um seu irmão pequeno morreu quasi repentinamente com umas dôres muito fortes no estômago. Depois de concluidas tôdas as cerimónias da morte, o pai meteu-se a caminho para ir saber qual a causa da morte do filho. Sabe-se que não há ninguém que morra por sua livre vontade; logo que morre é, pois, porque alguém teve desejos que isso acontecesse. Para se saber quem é êsse alguém, quem foi que teve êsse desejo, é que se inventaram os *n'gangas*.

Êles sábem sempre quem foi o causador da morte.

A propósito, conto um *milando* que me foi presente há um bom par de anos.

Numa *mashamba* estavam vários indígenas a cultivar, quando por lá passou o sr. M'pungo, que ia de viagem para as suas terras, vindo de Cascos de Rolhas, e que, uns dois quilómetros antes de chegar á *mashamba*, tinha visto um cortiço de abelhas cheio de mel.

Chegado à *mashamba*, convidou um homem qualquer a acompanhá-lo ao cortiço para tirar o mel e a cera, sendo o lucro a meias.

Um dos trabalhadores, o sr. Chiniziua, aceitou o convite e dirigiu-se,

acompanhado de M'pungo, ao local onde estava o cortiço. Quando lá chegaram, M'pungo disse que, visto ter sido êle quem fizera a descoberta, tinha direito a ficar em baixo enquanto Chiniziua ia lá acima, à árvore, retirar os favos.

Está bem ; assim se fez.

M'pungo fez fogo, com um mólho de palha, e deitou-se um pouco de terra afim de provocar fumo, e Chiniziua subiu à árvore para começar o trabalho.

Tudo ia no melhor dos possíveis, e já se tinha tirado bastante mel, quando o vento se lembrou de rondar e principiar a soprar do lado contrário, com um pouco de força, o que fez com que o fumo se dirigisse para onde não era preciso e deixasse o cortiço livre. Foi um instante enquanto as abelhas se juntaram e atacaram o pobre Chiniziua que, doido com as ferroadas dos animais, se deixou cair da árvore e veio parar cá baixo, dando com a cabeça numa pedra e morrendo instantaneamente.

M'pungo, atrapalhadíssimo, corre à *mashamba* a chamar a gente e a contar-lhe o sucedido. Foi imediatamente preso e levado á autoridade administrativa, acusado de ter, antes de ir à *mashamba*, combinado com as abelhas a morte de Chiniziua.

E tive eu que palrar durante três horas para os convencer de que M'pungo não podia ter feito tal combinação com as abelhas.

Mas, convenci-os eu ? . .

Sim, aparentemente. Não creio porém, que, ao dar-se factó idêntico, êles deixem de ter o mesmo procedimento.

O caso resume-se nisto: *ninguém morre por vontade própria.*

Pois o pai de Nhamezinga foi ter com o *n'ganga* para saber quem tinha sido o causador da morte do filho. O pantomimeiro, depois de ter gasto uma hora em atirar ao ar uns pequenos ossos, que êle dizia serem de leão, e de ter recebido o competente quinhento, declarou que a causadora da morte do garoto tinha sido uma pobre velhota que jazia lá na povoação, já sem se poder mover, entrevada pelo pêso dos anos. Fôra ela que fizera o *feitiço* para que o garoto morresse.

É claro que o *n'ganga* só chegou a êste apuro depois de ter bem perguntado ácerca dos habitantes da povoação.

E o bom do preto, com receio de que a velha continuasse com *feitiços* que lhe matasse mais família, mudou-se da povoação e foi viver para muito longe, lá para os confins do distrito do *nhacuawa*.

Desta feita, Nhamezinga perdeu o seu *nome*, as suas noites bem passadas, os seus *shamuari*.

Pensou, pois, em largar a vida de *m'pale*, em tornar-se *munto muculo*, em ser *gente*.

Para isso, também concorreu o facto do seu *tébzára* (sogro) futuro o incitar a realizar o casamento que o pai dêle tinha combinado e para o qual já tinha entregue a primeira parte do *shuma*, do dote.

Fôra isso há muito tempo, quando êle era ainda pequeno.

Seu pai contára-lhe, ao depois, quando já tinha entendimento, que um indígena, do distrito do Norte, lá de longe, tinha estado na povoação e tinha travado relações amistosas com êle; passou o homensinho — Mnatenga, se chamava — três dias na povoação, dansando e bebendo com todos e, ao final, numa noite em que a embriaguês tinha sido levada a um grau bastante alto, travára-se de razões com um colono e tinha acabado por ser prêso e levado à autoridade, visto que, no meio da desórdem, tinha partido a cabeça ao tal colono.

O *Mezungo* do *Iuane*, atendendo a que êle não pertencia às suas terras, multára-o no pagamento de lb. 2 e, como Mantenga as não tinha, fôra pedí-las ao pai de Nhamezinga, para servírem de *shuma* a uma filha garota que tinha em casa, lá no seu distrito.

Aceita a combinação, foi paga a multa, e Mantenga seguiu para casa, tendo ficado combinado que a filha ficava sendo a mulher de Nhamezinga que, ao tempo, contava só quatro anos. A rapariga pouco mais de um ano tinha.

Como penhór dêste contracto, deixou Mantenga uma das suas *ma jumba* nas mãos de Nhamezinga.

Passados três meses, o pai de Nhamezinga, cumprindo os usos, mandára a Mantenga um *pungo* com o *lupato* (1.º sinal do casamento), mas um *lupato rico*, constando de duas manilhas de cobre, fortes, uma peça de algodão crú e dois massetes de missanga, o que foi aceito pelo homem.

E, assim, tinha ficado contractado e resolvido o casamento: nada mais se fez, nem era preciso.

Legalmente, Nhamezinga tinha direito à rapariga, à menina Catoia que, no entanto, lá ia dormindo no *goeiro* com o *macazi* que muito bem lhe parecia, e sem que, nem em sonhos, tivesse visto o seu futuro esposo.

Um dia, tinha então Nhamezinga uns 13 anos, morreu o pai da sua (contractada) esposa. Foi logo mandado para aquelas terras um novo *pungo*, levando o *pête* (2.º sinal do casamento), que constava de uma enxada ca-freal e quatro braças de algodão crú, para ser entregue a quem tivesse em trado na *butáca* do falecido. A aceitação do *pête* indicaria a ractificação, por parte do herdeiro, do casamento de Catoia com Nhamezinga.

Mas o herdeiro que, em conformidade com o legal, tinha sido o

irmão mais velho do falecido, não quiz receber o *pête*, alegando que não conhecia contracto algum de casamento de sua filha Catoia. Note-se que o herdeiro passa a ser pai das pessoas que lhe cábem em herança; há mui tos «pais» que são simples irmãos; costumam dizer, para os distinguir, «pai pequeno».

O pai de Nhamezinga foi aos arames quando o *pungo*, de volta, lhe contou o caso. Compreendeu que o que o herdeiro, o sr. Cavembe, queria era escangalhar o casamento e contractar um outro, afim de poder vir a comer qualquer parte da *shuma*.

Era um espertalhão.

Mas o pai de Nhamezinga não se deixava ir com duas cantigas e, tendo percebido os intentos de Cavembe, tratou de arranjar 2\$000 réis e de se meter a caminho, afim de ir queixar-se à autoridade administrativa do distrito onde residia Nhamezinga.

Estava armado o milando.

Cavembe, avisado de que Mantenga tinha, na realidade, feito o contracto de casamento, tratou de não se dar por conhecido e de manobrar de fôrma a pôr em campo tôda a sua influência como *fumo* (chefe de povoação) e como genro do *nhacuawa* (régulo).

Lá se arranjou de tal maneira que, quando o *muanacâte* (oficial de diligências) o veiu chamar para ir ao *Luane* resolver o *milando*, levou três testemunhas a seu favor, que juravam, se preciso fôsse, que não tinha havido tratado algum para o casamento de Catoia.

Chegado ao *Luane*, fez entrega, muito em segrêdo, como homem que sabe como vive, de três galinhas e um cabrito ao *Bádzo* (conselheiro de milandos).

Tinha deitado o anzol.

Nessa mesma tarde, o *Bádzo* reuniu tôda a gente do milando, queixoso, acusado e testemunhas, e ouviu tudo, tim tim por tim tim, interrogando todos. No fim de três horas de reunião, declarou levantada a sessão e foi ao *Luane* informar o *Mezungo* da sùmula do milando.

No dia seguinte, ao cair da tarde, foi tôda a gente reunida no *Luane*, na presença do *Mezungo* e de tôda a gente que queria ouvir. Por acaso, o *Mezungo* falava o shi-sena e, assim, ouviu da bôca do *Bádzo* o relato do milando em'linguágem que todos entenderam.

O caso era simples, era um milando corriqueiro e vulgar.

O pai de Nhamezinga declarava-se com direitos a Catoia, por isso que tinha dado uma *shuma* de lb. 2 ao pai dela e tinha feito entrega do *lupato*, que tinha sido aceito. Não tinha provas da entrega das lb. 2 porque isso tinha acontecido numa povoação já desmanchada, indo cada membro para seu lado, mas tinha ali a testemunha que servira de *Pungo* na entrega do *lupato*.



Cavembe dizia que era falsa a declaração do pai de Nhamazinga, por isso que Mantenga, seu falecido irmão, nada lhe dissera sobre o casamento; que, em verdade, lhe contára que, uma vez, tinha pédiado emprestadas lb. 2, para pagar uma multa, numa região afastada, onde tinha uma vez passado; dizia mais que o *Pungo* não tinha ido à sua povoação entregar o *lupato* e, como prova, apresentava três testemunhas, que declaravam nunca terem visto tal homem, e já moravam na povoação desde o tempo em que ela se construira.

E de aqui não saiam. Falavam, falavam, contradiziam-se a cada passo, mas nada de arrancar do ponto capital, de aclararem se o dinheiro tinha sido entregue como *shuma* ou como empréstimo.

O *Mezungo* do *Luane* ouviu tudo, fez a sua pergunta de vez em quando e, por fim, já aborrecido de tanta parra para tão pouca uva, mandou chamar o *Sapanda*, o n'ganga adivinho. Êsse, sim, êsse é que sabia tudo e ia pôr a questão em pratos limpos em menos de um segundo.

Apareceu o sr. *Sapanda*, um velho de barbas brancas, cara de espartalhão, com ares de quem falava por mero favor.

O *Mezungo* explicou, em língua cafreal, para ser de todos entendido, o milando ao *Sapanda* e ordenou-lhe que fizesse a *prova da palhinha*, para se saber *ao certo* quem falava verdade.

O *Sapanda* fez o fogo, pôs os cadinhos em calor suficiente para produzir a efervescência, e começou a deitar as palhinhas, enquanto o *mezungo*, muito disfarçadamente, assim como quem anda a examinar a cerimónia, lhe dizia umas *palavrinhas* ao ouvido.

A miraculosa efervescência efectuou-se e atirou com a palhinha de Cavembe fóra, pelo que todos ficaram sabendo, e convictos, que êle tinha mentido e que, por consequência, as lb. 2 tinham sido dadas como *shuma* e não como empréstimo.

Resolvido ficou o milando.

Catoia ficou considerada, para todos os efeitos, mulher de Nhamazinga, mas, como ainda era *cicara*, voltou para casa de seu pai pequeno, de Cavembe, a esperar que fôsse *muar*, para se poder realizar a união.

Passados tempos, Cavembe achou que era melhor pôr-se de boas com o seu futuro genro, para vêr se lhe apanhava alguns cobres, e fez as pazes.

E cá estamos no ponto em que deixámos Nhamazinga, na época em que, farto da vida de *m'pale*, pensou em casar-se.

Logo que Catoia ficou *muar* (data da 1.<sup>a</sup> menstruação) seu pai fez o devido aviso e realizou-se, numa clareira da floresta, em presença de todas as mulheres da povoação, a cerimónia de *muar*, a constatação de que Catoia era fisicamente uma mulher feita.

Nhamezinga construiu a palhota e combinou com Cavembe, agora já considerado *tébzára*, por isso que a palhota estava feita, o dia do casamento.

Quatro dias antes da cerimónia, começou-se a fazer o *pombe* necessário para a festa, com o que se gastou o melhor de duas sacas de *mapira*.

Foi uma festa real, aquela. As *Pungo* que levaram a noiva, que diga-se aqui baixinho, já tinha os seios caídos, voltaram satisfeitíssimas com a maneira como Nhamezinga as tinha recebido e presenteado.

No dia seguinte, Nhamezinga trazia o cabelo rapado; estava casado. Tinha direito a voto nas resoluções e... pagava *mussoco*.

### Nota ao vocabulário

Os verbos, com excepção de alguns, poucos, são indicados no infinitivo. Para se conjugarem, siga-se a regra apontada já precedentemente a páginas 70, tendo em atenção que há sempre a retirar a prefixa *cu*, indicadora do infinitivo, tal como o *to* dos verbos ingleses.

A ortografia que usei foi a que me pareceu mais fonética, tendo só a indicar que fiz uso do *sh* com o valor que, em português, se dá ao *ch* de *chicote*.

A numeração encontra-se a páginas 72 e, por isso, dispensei-me de aqui a incluir, afim de não avolumar.

Por este motivo, também não indiquei todos os tempos — 4 — dos verbos; são de fácil construção, tendo em mente a regra apontada.

As palavras de que não indico o plural, formam-o pela regra geral isto é, aumentando ao singular a prefixa *ma*.

### Vocabulário da língua •Uateve•

Abaixar . . . . .	Cutama
abaixa-te . . . . .	cutamai
abaixe-se . . . . .	cutamanhe
abaixou-se . . . . .	gocutama
abaixaste-te? . . . . .	uácutama?
Abanar . . . . .	Cuvunguira
abana-te . . . . .	vunguirai
abane-se . . . . .	vunguiranhe
abanou-se . . . . .	davunguira
abanaste? . . . . .	uávunguira?

Abcesso . . . . .	Môta
abcessos . . . . .	mamôta
Abelha . . . . .	Nhussi
Aberto . . . . .	Funhura
Abóbora . . . . .	Matiquite
Abortar . . . . .	Cuchôza, Nharassa
aborta . . . . .	chozai
aborte . . . . .	chozanhe
abortei . . . . .	dachôza
abortaste? . . . . .	uáchôza?
Abraçar . . . . .	Cubatane
abraça-me . . . . .	batanai
Abrir . . . . .	Funhura, Fungunhura
Abundância . . . . .	Chicuro, Mazinge
Acabar . . . . .	Pêra
acaba . . . . .	pejai
acabe . . . . .	pejanhe
acabei . . . . .	dápêra
acabaste? . . . . .	uápêra?
Acácia espinhosa . . . . .	Mununga
Aceitar . . . . .	Cutenda
aceita . . . . .	tendai
aceite . . . . .	tendanhe
aceitei . . . . .	dátenda
aceitaste? . . . . .	uátenda?
Acender . . . . .	Batija
acende . . . . .	batijai
acenda . . . . .	batijanhe
acendi . . . . .	dábátija
acendeste? . . . . .	uábatija?
Acordar . . . . .	Muca
acorda . . . . .	mucai
acorde . . . . .	mucanhe
acordei . . . . .	dámuca
acordaste? . . . . .	uámuca?
Achar . . . . .	Bôja
acha . . . . .	bôjai
ache . . . . .	bojanhe
achei . . . . .	dáboja
achaste? . . . . .	uáboja?

Acocorar-se .....	Cutanamua
Acolá .....	Hiiio
Acrescentar .....	Cutimizira
acrescenta .....	timizirai
acrescente .....	timiziranhe
acrescentei .....	dácutimizira
acrescentaste? .....	uátimizira?
Adeus .....	Sáranhe
Adivinhar .....	Cufemberai
adivinha .....	femberai
adivinhe .....	femberanhe
adivinhei .....	dáfembera?
adivinhaste? .....	uáfembera?
Adivinho (feiticeiro) .....	Curinguija
Admiração .....	Cucaruca
Adoecer .....	Curuguára
Adolescente (masc.) .....	Arumbegana
" (femen.) .....	cicana
Adolescentes (masc.) .....	Barumbegana
" (femen.) .....	bacicana
Adormecer .....	Cubata
adormece .....	bátai
adormeça .....	bátanhe
adormeci .....	dábáta
adormeceste? .....	uábáta?
Adultério .....	Pombo
adúltera .....	sábéra
amante .....	pombo
Advogado .....	Dhômbo
Afastar .....	Cureia
afasta-te .....	cureihai
afaste .....	reihanhe
afastei-me .....	dácureia
afastaste-te? .....	uácureia?
Afiar .....	Curôja
afia .....	curôjai
afie .....	curôjanhe
afiei .....	dárôja
afiaste? .....	uarôja?
Afundar .....	Cupima
afunda .....	cupimai

afunde . . . . .	pimanhe
afundeí . . . . .	dácupima
afundaste? . . . . .	nápima?
Agarrar . . . . .	Cubata
agarra . . . . .	bátai
agarre . . . . .	bátanhe
agarrei . . . . .	dábáta
agarraste? . . . . .	uábáta?
Agredido . . . . .	Guguméra
Agora . . . . .	Sambessambe
Agradecer . . . . .	Cuguta
agradece . . . . .	gútai
agradeça . . . . .	gutanhe
agradeci . . . . .	dáguta
agradeceste? . . . . .	uáguta?
Agradecido . . . . .	Dáguta
Água . . . . .	Mázi
do rio . . . . .	cuma
da chuva . . . . .	m'vura
salgada . . . . .	mazi-munhó
Aguardente . . . . .	Nipa
Aguçar . . . . .	Cunenjéra
Águia . . . . .	Guréra
Agulha . . . . .	Singano
agulhas . . . . .	massingano
Al . . . . .	Ihio
Ainda não . . . . .	Háháto
Ajoelhar . . . . .	Cufucama
ajoelha . . . . .	fucamai
ajoelhe . . . . .	fucamanhe
ajoelhei . . . . .	dáfucama
ajoelhaste? . . . . .	uáfucama?
Ajudar . . . . .	Cubêssa
ajuda . . . . .	bessai
ajude . . . . .	bessanhe
ajudei . . . . .	dábessa
ajudaste? . . . . .	uábêssa
Ajuntar . . . . .	Cussenganija
ajunta . . . . .	senganijai
ajunte . . . . .	senganijanhe
ajuntei . . . . .	dássenganija

ajuntaste ? .....	uássenganija ?
Ajustar .....	Cuhissanissa, Cuhinganissa
ajusta .....	cuhiissanissai
ajuste .....	cuhiissanissanhe
ajustei .....	dácuhiissanissa
ajustaste ? .....	uácuhiissanissa ?
Alagado .....	Cuzára
Alcool .....	Nipa magôro (aguardente muito forte)
Aldeia .....	Muzi
aldeias .....	mizi
Alegre .....	Cusséquera
Alfinete .....	Singano
alfinetes .....	massingano
Algema .....	Mangê
Algodão .....	Tônje
Algodoeiro .....	Muti-á-tonje
Ali .....	Iho
Alumiar .....	Bátija
Alma (do outro mundo) .....	Murungo
Almofada .....	M'ságo
Alto .....	Mucuro
altos .....	macuro
Amancebar .....	Cufumua
Ámanhã .....	Manguana
depois de ámanhã .....	manganuno
Amargo .....	Cuváva
Amarrar .....	Cussunga
amarra .....	sungai
amarre .....	sunganhe
amarrei .....	dássunga
amarraste ? .....	uássunga
Amendoim .....	Mendohi
Amigo .....	Xamuári
amigos .....	baxamuári
Amor .....	Cudíssane
Amoroso .....	Vangodíssane
Amortalhar .....	Cufucutira
amortalha .....	fucutirai
amortalhe .....	fucutiranhe
amortalhei .....	dáfucutira
amortalhaste ? .....	uáfucutira ?

Ananaz .....	Nanássé
ananazes .....	mananássé
Andar .....	Cufamba
anda .....	fambai
ande .....	fambanhe
andei .....	dáfamba
andaste? .....	uáfamba
Animal .....	Subama
Anel .....	Béhte
Ano .....	Góre
anos .....	macóre
ano corrente .....	inhámuáca
Ante-hontem .....	Zuroria
Antepassada .....	Vócáre
antepassados .....	bácáre
Antigamente .....	Cárê
muito antigo .....	cárecamáre, cárirêne
Anus .....	Ninho
Anzol .....	Jihêjo
Apagar .....	Juma
apaga .....	jumai
apague .....	jumanhe
apaguei .....	dájuma
apagaste? .....	uájuma?
Apalpar .....	Barambassira
Apanhar .....	Cubôja
apanha .....	bôjai
apanhe .....	bôjanhe
apanhei .....	dábôja
apanhaste? .....	uábôja
Apertar .....	Cubata ( <i>vêr</i> agarrar)
Apêrto de mão .....	Báta-m'côno
Apodrecer .....	Cuhóra
Aprender .....	Cujija
aprende .....	cujijai
aprenda .....	jijanhe
aprendi .....	dájija
aprendeste? .....	nájija?
Aquecer .....	Cujissa
aquece .....	cujissai
aqueça .....	jissanhe

aqueci . . . . .	dájissa
aqueceste ? . . . . .	uájissa ?
Aquela . . . . .	Uho
Aquele . . . . .	Uho
Aqui . . . . .	Hápa, Muno
Ar . . . . .	M'bêpo
Arame . . . . .	Meringa
Aranha . . . . .	Péte
aranhas . . . . .	mapéte
Arbusto . . . . .	Fusso
arbustos . . . . .	mafusso
Arco . . . . .	Uta
arcos . . . . .	mahúta
Arder . . . . .	Cubuáca
Areia . . . . .	Missanga
Argila . . . . .	Mataca
Arrancar . . . . .	Cujupura
arranca . . . . .	jupurai
arranque . . . . .	jupuranhe
arranquei . . . . .	dájupura
arrancaste ? . . . . .	uájupura ?
Arranhar . . . . .	Cucuhêna
arranha . . . . .	cuhênai
arranhe . . . . .	cuhenanhe
arranhei . . . . .	dácuhena
arranhaste ? . . . . .	uácuhena ?
Arrefecer . . . . .	Tôndôra
Arrombar . . . . .	Cucanha
arromba . . . . .	canhai
arrombe . . . . .	canhanhe
arrombei . . . . .	dácuanha
arrombaste ? . . . . .	uácuanha ?
Arrôto . . . . .	Cujôca
Artéria ( <i>veia</i> ) . . . . .	Mujira
Árvore . . . . .	Muti
árvores . . . . .	miti
Assar . . . . .	Cucóxa
Assassinar . . . . .	Cuhuhuraia
Assassino . . . . .	Muhurai
Assentar-se . . . . .	Cucára
assenta-te . . . . .	carai



assenle-se .....	caranhe
assentou-se .....	dácara
Assobiar .....	Curiija, Medója
assobio .....	Medója
Assustar .....	Cutia
Atar .....	Cussunga
ate .....	sungai
ata .....	sunganhe
atei .....	dássunga
ataste? .....	uássunga?
Atirar .....	Candira
Atráz .....	Súre
Atenção .....	N'teu
Atrevido .....	Cupangama
Avançar .....	Cukedera panbeje
Avarento .....	Fanheiro
Ave .....	Shiri
Avô .....	Téteguro
Aza .....	Napiro
azas .....	mapiro
Azeite .....	Mafuta
Azul .....	Massamba endimo
Baixo .....	M'fupi
baixos .....	mafupi
Bala .....	M'shòsho
Balde .....	Bakête
Bambú .....	M'senguére
Banana .....	Góbo
bananas .....	magóbo
Bananeira .....	Mecóbo
Banha .....	Mafuta
Banhar-se .....	Cussamba
Barata .....	Béte
baratas .....	mapéte
Barba .....	Dêvo
Barco .....	Barco
lança .....	barquinha
coxe .....	garahaba
navio .....	garahaba manga
Barrica .....	M'pembe
Barriga .....	Mimba

Barrigudo .....	Shimimba
Barro .....	Matópe
Barulho .....	Cunhangura
Basta .....	Basse
Bater .....	Curôba
bate .....	rôbai
bata .....	robanhe
bati .....	darôba
bateste .....	uárôba
Beber .....	Cumua
Bêbedo .....	Curadjéra
Beijo .....	Murumo
Bem .....	Cuhanga
Bengala .....	Dônga
Bexigas .....	Duvi
Bezerro .....	Buro
bezerros .....	maburro
Bico (de ave) .....	Murtmo
Blenorragia .....	Scazamento
Bôca .....	Murômo
Bôcejo .....	Cuamura
Bode .....	Gôtngôto
Boi .....	Mhombe
Bola .....	M'pira
Bom .....	Canáca
Bonito .....	Zácanáca
Boné .....	Shiremba
bonés .....	jiremba
Bordão .....	Nhacatônje
Borracha (seiva) .....	Dandi
Borracho (ave) .....	Jiva dôco
Botão .....	Bitão
Braço .....	M'côno
braço direito .....	m'côno côno
Branca .....	Acashêna
Branco (europeu) .....	Inhamatanga
Braza .....	Macára
Brincar .....	Cutamba
Brincadeira .....	Cutamba
Burro .....	Bongoio
Búzio .....	Mapáro

Cá .....	Hápa, Muno
Cabaça .....	Mucano
cabaça verde .....	buji
Cabelo .....	Vuji
Cabeça .....	M'sôro
Cabra .....	Buji
Cabrito .....	Buji m'dôco
Caça .....	Inhama
Caçar .....	Inhanga
Cadáver .....	Mutembo
Cadeia (corrente) .....	Gargajêro
cadeias .....	magargajêro
Cadela .....	Ímbega
Caido .....	Dágua
Cair .....	Cua
Cajú .....	Guêjo
Cajueiro .....	Makêjo
Calar-se .....	Nhárara
Cala-te .....	Nhánharai
Calcanhar .....	Jóca
Calor .....	Zia
Calvo .....	Banja
Cama .....	Bonde cubatira
Camaleão .....	Ruháhive
Caminho .....	Gúanja
Cancro venéreo .....	Buba
Cânhamo .....	Bhanji
Canico .....	Mitete
Cansar .....	Curemba
estou cansado .....	dãremba
Causaço .....	Marembó
Cantar .....	Cuimba
canta .....	imbai
cante .....	imbanhe
cantei .....	dáimba
cantaste? .....	uáimba?
Cantiga .....	Cuimba
Cão .....	Ímbega
Capim .....	Ússua
Cara .....	Shuco
Carangueijo .....	Ghára

Carne .....	Inhama
Carneiro .....	Gundata
Carraça .....	Dáta
carraças .....	matata
Carregar .....	Cushindija
Carta .....	Crata
Cartucho .....	M'shôsho
Casa .....	Inhumba
Casamento .....	Curôbora
Cavar .....	Cusha
Cego .....	Bôfo
Cem .....	Zana
Cemitério .....	Xhipa
Certo .....	Jacádi
Cesto .....	Kitundo
Chá .....	lcha
Chaga .....	Honje
Chamar .....	Cudâna
chama .....	danai
chame .....	danija
chamei .....	dânua
chamaste ? .....	uádana ?
Chão .....	Passe
Chavena .....	Shikira
Chefe .....	Mucurnâne
Cheia (do rio) .....	Ussóre
" grande .....	guhé
" pequena .....	rusháho
Cheio .....	Cuzára
Cheirar .....	Cufemba
Chorar .....	Curira
Chover .....	Cuvura
Chuva .....	Vura
Cicatriz .....	Bônje
Cinco .....	Chano
Cincoenta .....	Macumachano
Cinza .....	Marôta
Cobra .....	Nhóca
Coçar .....	Cucuhêna
Cócegas .....	Cujekenba
Côco .....	Nazi

Coelho .....	Suro
Colhér .....	Muco
" pequena .....	jimuco
Com .....	Na
Comer .....	Curga
Comichão .....	Cussossôna
Comida .....	Curga, Mashenga
Comprar .....	Cutenga
Comprender .....	Cuzizué
compreendeste? .....	dázizué
Construir .....	Cuváca
Contente .....	Cussékéra
Conversa .....	Cussóvéra
Cópula .....	Cuxira
Coração .....	Moio
Corcunda .....	Munda
Corda .....	Cambála
Cordão umbilical .....	Shicunfo
Cordeiro .....	Shigundáta m'dóco
Corno .....	Nhanga
cornos .....	munhanga
Correr .....	Cugógôma
corre .....	gógômai
corra .....	gogomanhe
corri .....	dágógôma
correste? .....	uáhógôma?
Cortar .....	Cushéca
corta .....	xécai
corte .....	xécanhe
cortei .....	dáshéca
cortaste? .....	uásheca?
Corvo .....	Gungubué
Coser .....	Cussona
Costas .....	M'saua
Cozinhar .....	Cubica
Cova .....	Rundi
Coxo .....	Shirema
Coxe .....	Gurahaba
Crescer .....	Cucura
Creança .....	Muana
creanças .....	bâna

Crocódilo .....	Guhéna
Crú .....	Bishe
Cumprimento .....	Shumgamíja
Cunhado .....	Muaramo
Curar .....	Curápa
Curandeiro .....	Bêzi, Muroi
curandeiros .....	baroi
Cuspir .....	Cufira
Custo .....	Metenguanhe
Dar .....	Cumupa
dê .....	dipei
Dansa .....	Cutamba
Debaixo .....	Pásse
Dedo .....	Shicuno
Deitar-se .....	Cubata
Deixar .....	Culékéra
deixa .....	lékeraí
deixe .....	lékeranhe
deixei .....	dálékéra
deixaste? .....	uálékéra?
Demente .....	Benje
Demorar .....	Cunócóca
Dente .....	Mêno
Dentro .....	Mucáti
Depenar .....	Cutupura
Depressa .....	Cassica
Descompostura .....	Cutuca
Descontente .....	Cushamua
Desflorar .....	Cucura
Desordeiro .....	Majjuo
Despir .....	Cuvura
Deus .....	Mulungo
Dez .....	Gumi
Dia .....	Shico
Diante .....	Pambeje
Dinheiro .....	Mále
Discussão .....	Cupupana
Dívida .....	Magába
Dizer .....	Curéba
Dó .....	Curarjiurga
Doer .....	Curuguája

Doença .....	Utenda
Doente .....	Mutenda
Doido .....	Benge
Dois .....	Bire
Dormir .....	Cubáta
Doze .....	Gumi na hire
Duro .....	Cuvanga
E .....	Na
Egual .....	Cuhizana
Elefante .....	Jóho
Êle .....	Dié
Empurrar .....	Cussucumija
Encher .....	Cuzája
Encontrar .....	Cussungaga
Encostar .....	Cushéshémára
Enforçar .....	Cushicáca
Enganar .....	Cushenguéjéra
Ensinar .....	Culijissa
Entender .....	Cuzizué
Enterro .....	Cubiga
Entornar .....	Curássa
Entrar .....	Cuhungúina
Enxada .....	Badza
Enxotar .....	Cujuja
Enxugar .....	Cujina
Errar .....	Cupôssa
Escaravelho .....	Nenje
Escarro .....	Côrôja
Esconder .....	Cufissa
Escrever .....	Cutára
Escutar .....	Cupuruquira
Espalhar .....	Cuparája
Espantar .....	Cudia
Esperar .....	Cubétera
Espiga .....	M'simua
Êspingarda .....	Futi
Espirro .....	Cuhóshira
Esporão (de galo) .....	Guimbe
Esquecer .....	Cangano
Êsse .....	Hiji
Êste .....	Hissi

Esteira .....	Bõnde .....
Estragar .....	Curássarássá .....
Estrêla .....	Tõndo .....
Estremecer .....	Hutétéméra .....
Estúpido .....	Pupuio .....
Eu .....	Inine .....
Europeu .....	Inhamatanga .....
Excremento .....	Matuje .....
Faca .....	Sh'panga .....
Falar .....	Cubrikêta .....
Faro .....	Cufembéjéra .....
Fato .....	Guho .....
Fazer .....	Cuita .....
faze .....	itaihe .....
faça .....	itanhe .....
Febre .....	Mubire .....
Fechar .....	Cufunga .....
Feijão .....	Chibamba, Nhemba .....
Feiticeiro .....	Bezi, Inhamessoro, Nhangá .....
Feitiço .....	Uroi .....
Ferida .....	Honje .....
Ferro .....	Hutare .....
Ferver .....	Cubira .....
Ficar .....	Cussara .....
fica .....	sárai .....
fique .....	saranhe .....
Filho .....	Muana .....
filhos .....	bâna .....
Findar .....	Cupêra .....
Flatulência .....	Deshura .....
Flecha .....	Messêbe .....
Flôr .....	Ruba .....
flôres .....	maruba .....
Fugir .....	Cutiza .....
Fogo .....	Múriro .....
Folha .....	Sacane .....
folhas .....	massacane .....
Fome .....	Jára .....
Fóra .....	Cunja .....
Fôrça .....	Simba .....
Foimiga .....	Russunji .....



Forquilha . . . . .	Banda
forquilhas . . . . .	mapanda
Forte . . . . .	Cubanga
Frango . . . . .	Shitio
Fraco . . . . .	Curemba
Frio . . . . .	Utôndora
Fruto . . . . .	Mushéro
Fumar . . . . .	Cucuhiba
Fundo . . . . .	Cujica
Furar . . . . .	Bôra
Futuro . . . . .	Pambêje
Gafanhoto . . . . .	Dongué
Galinha . . . . .	Huco
do mato . . . . .	hânga
Galo . . . . .	Jongué
Garfo . . . . .	Garfo
Garganta . . . . .	Dôcôrira
Garrafa . . . . .	Botire
Gato . . . . .	Báca
Gêmeos . . . . .	Manhambire
Gengiva . . . . .	Matója
Genro . . . . .	Mucuambo
Gente . . . . .	Bantu
Gnu . . . . .	Nhumbo
Gordo . . . . .	M'cumi
Gordura . . . . .	Mafuta
Gostar . . . . .	Cumakirgua
Grato . . . . .	Cubônga
Gritar . . . . .	Cumima
Grito . . . . .	Bêre
Guerra . . . . .	Fumo
Guerreiro . . . . .	Munto á fuma
Guiso . . . . .	M'tamba
Habitação . . . . .	Inhumba
Herdar . . . . .	Utáca
Herva . . . . .	Usua
hervas . . . . .	mahussua
Hoje . . . . .	Inhamásse
Hombro . . . . .	Fugui
Homem . . . . .	Manarume
Hontem . . . . .	Zuzo

Hóspede .....	Muhiêne
hóspedes.....	bahiêne
Húmido .....	Nhishi
Hyena.....	Bôngo
Hypopótamo .....	Vuhu
Ide .....	Endanhe
Ignorante .....	Pupuío
Imitar.....	Cuhêja-hêja
Impotência .....	Gônua
Incendear .....	Cutunguija
Inchar .....	Cujimba
Indemnização .....	Curipa
Insecto .....	Zinhamuruma
Interior d'África .....	Cu macuhasa
Inundação.....	Ruchábo
Inverno.....	Shipêpo
Ir .....	Cuenda
Irmão .....	Hâma
Irmã .....	Nâna
Isso .....	Ijo
Isto.....	Iji
Já.....	Sambessambe
Janota .....	Canáca
Javali .....	M'pinja
Joelho .....	Gôcôve
Junto .....	Pedihô
Juramento.....	M'pico
Jurar .....	Cupica
Juro .....	Ganho
Lá .....	Ihio
Lábios .....	Murumo
Ladrão .....	Bava
Lagarta.....	Inhamecôrôondo
Lágrima .....	M'soje
Lama .....	Matope
Largar .....	Culékéra
Largo.....	Pambama
Lavar .....	Cussamba
lava .....	sambai
lave .....	sumbanhe

lavaste? .....	uássamba?
Leão .....	Pondoro
Leite .....	M'cáca
Lembrar .....	Cnrangarira
Lenha .....	Húnhe
Leopardo .....	Camba
Levar .....	Cutóra
Levantar .....	Cumuca
Leve .....	Curáruca
Língua .....	Ririme
Longe .....	Dhambo
Lua .....	Muêje
" cheia .....	shirima
" nova .....	shirima shidóco
Lucro .....	Ganho
Lume .....	Muriro
Luz .....	Candêa
Macacão .....	Bongué
Macaco .....	Córo
Machado .....	Sande
Macróbia .....	Hárágúa
Madrugada .....	Mambacuêje
Mãe .....	Mãe
Magro .....	Cuónda
Mais .....	Timiza
Madeira .....	Cuni
Mala .....	Canagóla
Malefícios .....	Uroi
Mamilo .....	Mazamo
Mandar .....	Cupanganija
Manga .....	Manga
Mangueira .....	Mumanga
Manhã .....	Mashibesse
Manhãsinha .....	Manguanaguana
Manta .....	Gumbiza
Mão .....	Inbára
Mar .....	Mazimunho
Marfim .....	Meno á joho
Marido .....	Murume
Matar .....	Cuhuraia
Mato .....	Guhája

Mau . . . . .	Cusháta
Médico . . . . .	Bézi, Surjão
Medida . . . . .	M'bimo
Medo . . . . .	Cutia
Mel . . . . .	Russuzi
Mentira . . . . .	Dama
Mergulhar . . . . .	Cubira mefumji
Mesmo (igual) . . . . .	Bözibözi
Meu . . . . .	Hãngo
Mês . . . . .	Muêje
Milhafre . . . . .	Suhamuhêbe
Missanga . . . . .	Nhungo
Molhado . . . . .	Cubira
Mole . . . . .	Cufáva
Monte . . . . .	Shicuro
Morcego . . . . .	Shinacatonge
Morder . . . . .	Curuma
Moribundo . . . . .	Dendaguro
Morrer . . . . .	Cufa
Mosca . . . . .	Tungi
Mosquito . . . . .	Metunga
Mostrar . . . . .	Catatija
Muco nasal . . . . .	Cumira
Muito . . . . .	Shicuro, Zinje
Mulher . . . . .	Manacaje
mulheres . . . . .	banacaje
Multa . . . . .	Curipa
Murcho . . . . .	Cuja, Cufuta
Nada . . . . .	Há pâna
Nadar . . . . .	Cussambira
Nádegas . . . . .	M'pambáre
Namorar . . . . .	Cussóbêra
Não . . . . .	Ájina
Narina . . . . .	Pino
Nariz . . . . .	Pino
Nascer (animais) . . . . .	Cumãra
" (pessoas) . . . . .	cubárgua
" lua . . . . .	cugára mueje
" sol . . . . .	cubuáca zulo
Nó . . . . .	Fundo
Noite . . . . .	Ussico

Noivo .....	Arusse
Nome .....	Zina
nomes .....	mazina
Nora (parentesco) .....	Inhamuhana
Nós .....	Ississo
Nosso .....	Hiêdo
Notícia .....	Mashête
Novo .....	Ninja
Nove .....	Fembamue
Nú .....	Mito
Núvem .....	Macóre
Obrigado .....	Dáguta
Obsceno .....	Zácasháta
Oito .....	Sêre
Óleo .....	Mafuta
Olho .....	Jiso
olhos .....	masso
Onde .....	Cuápi?
Orelha .....	Jêbe
Ossos .....	Fupa
ossos .....	malupa
Ostra .....	Chôa
ostras .....	mashôa
Ouro, .....	Darama
Outro .....	Utnuêbje
Ouvir .....	Cuzua
Ovo .....	Zanda
ovos .....	manda
Pá .....	Fashôlo
Pai .....	Bába
País .....	N'zico
Pagar .....	Curipa
Palha .....	Mahussua
Palma da mão .....	Shauja
Palmeira .....	Munázi
"  brava .....	m'shéu
Pálpabra .....	Tshihio
Pancada .....	Curôba
Panela .....	Bende
Pano .....	Guho
Pântano .....	Macandua

Para .....	Cu
Pára .....	Beterai
Parar .....	Cubétera
Pardal .....	Shipuri
Parente .....	Ucama
Parto .....	Cubára
Passar .....	Cupinda
Pássaro .....	Shiri
Passear .....	Cufamba
Pata .....	Shôca
Patrão .....	M'tenje
Pau .....	Muli
Pé .....	Merenje
Pedir .....	Cucumbira
Pedra .....	Pué
pedras .....	mapué
Pedra de moer .....	Libué
Pegar .....	Cubata
Peito .....	Shifué
Peixe .....	Hôbe
Perna .....	Miendo
Pele .....	Dôbo
Pêlo dos animais .....	Ucussi
" " homens .....	gúinde
Pena de ave .....	Mandenga
Pequeno .....	M'dôco
Pepino .....	Macaca
Percevejo .....	Shikiji
Perdiz .....	Shicuári
Perguntar .....	Cuvunja
Permuta .....	Cussambaja
Perseguir .....	Cugugóméra
Perto .....	Pédio
Pesado .....	Curêma
Pesadelo .....	Crôta zacasháta
Pescar .....	Cuêja
Pescoço .....	M'sipa
Pessoa .....	Munto
pessoas .....	banto
Pestana .....	Shishiro
Pinto .....	Shilio

Pisar .....	Cushica
Planta .....	M'simo
Pleito .....	Dába
Poço .....	Muimbo
Podre .....	Cuhôra
Pólvora .....	Hunga
Pomba .....	Jiva
Pôr .....	Cucanda
Porco .....	Gruhe, Cumba
Porta .....	M'súo
Português .....	Mezungo
língua portuguesa .....	sizungo
Povoação .....	Muzi
povoações .....	mizi
Preamar .....	Mazi cuzára
Prego .....	Mussumáre
Preguiça .....	Maremba
Preguiçoso .....	Nungi
Prender .....	Cujjia
Presente .....	Ságuata
Preto (côr) .....	Ácussipa
Prisão .....	Cufungua
Procurar .....	Cushanga
Próximo .....	Pédio
Puxar .....	Cucuhêba
Pulseira .....	Muringa
Punhal .....	Banga
Qualquer .....	Shirejêsse
Qual quere? .....	Engodânhe?
Quanto? .....	Metengúênhe?
Quatro .....	Nai
Quê? .....	Ênhe?
Quebrar .....	Cupuanha
Queimar .....	Cupissa
Queimada .....	Rubxa
Queimadura .....	Cubxua
Queixo .....	Matája
Quem? .....	Indiane?
Querer .....	Engóda
quero .....	nôda
não quero .....	andidi, anshádi

não queres? .....	amudi?
que queres? .....	engôdênhe?
Quente .....	Pissa
Questão .....	Dába
Rã .....	Mashergue
Rabo .....	Mushe
Raio .....	M'béne
Raiz .....	Matôto
Ranho .....	Cumira
Rapariga .....	Cicana
raparigas .....	bacicana
Rapaz .....	Merumbegana
rapazes .....	barumbegana
Rápido .....	Cussassica
Rasgar .....	Cuparura
Raspar .....	Cuparapara
Rato .....	Conje
Rebento .....	Tempo
Receber .....	Pushéra
Recem-nascido .....	Huava cubárgua
Relâmpago .....	M'peni
Remédio .....	M'tômbô
Respeito .....	Cucôja
Respeitar .....	Cucôja
Respirar .....	Cuhôshéra
Responder .....	Cudabira
Rir .....	Cusséca
Rícino .....	Môno
Rijo .....	Cubanga
Rio .....	Merambo
Romper .....	Cuparura
Roubar .....	Cuva
Sair .....	Budia
Sal .....	Munho
Saliva .....	Máta
Saltar .....	Cumbuca
Sangue .....	M'táca
Sarampo .....	Ussabába
Sêco .....	Cuhôma
Segredo .....	Shifisse
Seis .....	Tandáto



Semelhante . . . . .	Jácahizana
Sepultura . . . . .	Cubiga mutembo
Servente . . . . .	Muleque
Sete . . . . .	Chinomue
Seu . . . . .	Háco
Sim . . . . .	Hum
Só . . . . .	Umué
Socegado . . . . .	Doriro
Scfrer . . . . .	Cussofuirá
Sogro . . . . .	Batêjára
Sombra . . . . .	Munvuri
Sono . . . . .	Hópê
Sonho . . . . .	Crôta
Soprar . . . . .	Cufurija
Sovaco . . . . .	Hápua
Suicidar-se . . . . .	Cujicáca
Suor . . . . .	Zia
Susto . . . . .	Cutia
Tabaco . . . . .	Forgúia
Talvez . . . . .	Dangani
Tambor . . . . .	Engôma
Teu . . . . .	Háco
Tartaruga . . . . .	Hásse
Tecto . . . . .	Dênga
Terra . . . . .	Messanga
Tigre . . . . .	Camba
Tio . . . . .	Tataguro
Tirar . . . . .	Cubissa
Tiro . . . . .	Curija
Todos . . . . .	Jesse
Tolice . . . . .	Tjêre
Tolo . . . . .	Pupuio
Tomar . . . . .	Cutóra
Tomate . . . . .	Matomate
Tosse . . . . .	Gushóra
Tossir . . . . .	Cucushóra
Tostão . . . . .	Cruzado
Trabalho . . . . .	Bássá
Travesseiro . . . . .	M'ságo
Trazer . . . . .	Cuhissa
Tremer . . . . .	Cutétéméra

Três . . . . .	Táto
Tripas . . . . .	Matumbo
Triste . . . . .	Curangarira, Curududo
Tromba de elegante . . . . .	Merembe
Trombeta . . . . .	Parapata
Tropeçar . . . . .	Cua
Trovão . . . . .	Fumi
Tu . . . . .	Euéua
Tudo . . . . .	Jesse
Úbere . . . . .	Bére
Última . . . . .	Cupejissira
Um . . . . .	Imué
Unha . . . . .	Dubára
Único . . . . .	Shigumissira
Urina . . . . .	Matunda
Urinar . . . . .	Cotunga
Vaca . . . . .	Mhombe manacáje
Vacina . . . . .	Cutémêra
Varapau . . . . .	Nhacatonje
Varejeira . . . . .	Tunje
Variola . . . . .	Dubi
Varrer . . . . .	Cushahira
Vassoura . . . . .	Hushahiro
Vêr . . . . .	Cuóna
Veia (artéria) . . . . .	Mujira
Velho . . . . .	Hárágua
Vem cá . . . . .	Zai muno
vender . . . . .	Cutenguessa
Vir . . . . .	Cuza
Veneno . . . . .	Uroi
Vento . . . . .	M'pépo
Verão . . . . .	Mahênje
Verdade . . . . .	Jacádi
Vergouha . . . . .	Nhóa
Vestir . . . . .	Cussimira
Viajar . . . . .	Cufamba
Vibora . . . . .	Demamhombe
Vida . . . . .	Curárama
Vintem . . . . .	Cobre
Virgem . . . . .	Háháto a cacure
Virgindade . . . . .	Acurure

Viuva . . . . .	Huacafirgua
Viver . . . . .	Curarama
Voar . . . . .	Buruca
Voltar . . . . .	Cugurira
Vós . . . . .	Imuhimué
Vosso . . . . .	Hiêdo
Voz . . . . .	Izui
Vulva . . . . .	Haragua

### Côres

Verde . . . . .	Muribo
Encarnado . . . . .	Shukê
Preto . . . . .	Sifo
Branco . . . . .	Shêna
Azul . . . . .	Massamba endimo

## A cidade de Damão

(Atravéz da sua reconquista)

Passou, no dia 2 de Fevereiro próximo findo, a data da gloriosa reconquista desta cidade pelo ínclito vice-rei D. Constantino de Bragança.

Sim, faz já 369 anos (mais de 3  $\frac{1}{2}$  séculos) que êste histórico torrão português, conquistado por Martim Afonso (1528 a 1538), fôra reconquistado por aquele bravo cabo de guerra que, com uma formosa esquadra de mais de 100 navios, ao raíar do ano de 1559, castigou, em pessoa, o jugo do rei de Cambaia e a petulância do valente capitão Abexim Sidi Bofetá e dos seus companheiros, de não menor valentia, Carnabec e Sidi Ranã, hasteando aqui o glorioso pendão das quinas — prodígio de bravura que constitui uma das páginas mais fulgurantes dos anais da nossa História.

Se, por acaso, lançarmos um golpe de vista retrospectiva sôbre os anos volvidos, veremos que Damão tivera um passado verdadeiramente glorioso — tempos ditosos que lá se foram e não voltam mais, — mas que, a despeito dos longos 3  $\frac{1}{2}$  seculos de dominação das quinas portuguesas, pouco se tem feito aqui, e isto quasi sómente por êstes últimos tempos, restando ainda muito por fazer

Fôra éla rica e florescente; hoje pobre e decadente!

Da antiguidade só cá existem, além duns soberbos edificios públicos, algumas *ruínas*, que atestam a grandeza do seu passado. Digo mal. E mais as suas muralhas, padrão imorredouro das glórias portuguesas no Oriente.

Essa sua decadência foi ainda maior. Dentre outras causas o abandono criminoso a que há muito estava votada pelos que tinham nas mãos os seus destinos; a paralização do seu commercio e industria; a ação dos terriveis flagelos da peste, do cólera e da fome, que a devastaram ceifando vidas sem conta (tragédia cuja memoria os damanênses conserva tão patente e tão viva como se lhas houvessem gravado no espirito com os